

O Odisseu

ISSN 2966-0262

Vol. 3/ N 18/ Junho de 2024

utopia, distopia e retropia

E como esses conceitos
moldaram nossa
percepção do presente e
do futuro



Conheça nossa campanha de
financiamento coletivo e apoie a
revista O Odisseu com valores a
partir de R\$ 5

“Uma solarística das distopias”

Saulo Dourado entrevista
os professores Abel
Lassalle Casanave e
Carlota María Ibértis
durante uma aula de
literatura distópica na
Faculdade de Filosofia da
UFBA



“Madnaus: Um Mix Absoluto”

Paulo Zan escreve sobre a distopia brasileira
“Madnaus”, de Susy Freitas: uma distopia
ambientada na grande metrópole do Norte: Manaus

“Mãe: Uma Distopia”

Aline Félix escreve sobre a realidade caótica e digna
de distopia que é a maternidade a partir do livro
“Escola de Boas Mães”, de Jessamine Chan

“Sujeitos de Si”

No mês do orgulho LGBTQIAP+, Denni Salles estreia o Caderno 2 da revista O Odisseu com o primeiro texto de sua coluna “Ensaio”. Denni traz reflexões sobre o espaço da autoficção nas produções teatrais que abordam a diversidade sexual



Imagem do filme "1984", de Michael Radford (Virgin Films)

"Era um dia claro e frio de abril e os relógios marcavam treze horas. Winston Smith, seu queixo abaixado de encontro ao peito numa tentativa de escapar do vento infame, passou rápido pelas portas de vidro das Mansões da Vitória, ainda que não rápido o suficiente para evitar que um montinho de poeira fina entrasse junto com ele."

Trecho inicial de "1984", de George Orwell
Livre tradução

Sumário

CADERNO 1 - pag 3

EDITORIAL: "Utopia, distopia ou retropia", por Aline Félix - pag. 4

ENTREVISTA: "Uma solarística das distopias", por Saulo Dourado - pag. 5

CRÍTICA: "Aldri Anunciação e a distopia do absurdo possível", por Ewerton Ulysses Cardoso - pag. 11

CRÍTICA: "Madnaus: um mix absoluto", por Paulo Zan - pag. 14

CRÍTICA: "Mãe, uma distopia", por Aline Félix - pag. 16

ENSAIO: "De Sarças e Robôs que Sonham", por Hyann Pedro Rodrigues - pag. 17

CRÍTICA: "Os afetos no fim do Mundo", por Nico Hirata - pag. 19

FICÇÃO: "Nobre Descortesia", por Pedro Henrique Rodrigues - pag. 21

CRÔNICA: "Ficção distópica ou a assustadora realidade", por Luciana Konradt - pag. 25

CRÔNICA: "O abrigo, seu João e eu", por Heloisa Stefan - pag. 26

SAIBA COMO NOS AJUDAR - pag 28

CADERNO 2 - pag. 29

COLUNA 'ENSAIO': "Sujeitos de Si", p. 30

TEORIA: "Saber do Corpo", por Nívia Maria Vasconcellos

CRÍTICA: "João Bosco canta uma carta de amor à terra em seu álbum 'Boca cheia de frutas'", por Paulo Zan - pag 39

EXPEDIENTE - pag. 39



Minicurso

Leituras Psicanalíticas de Franz Kafka

26 e 27 de junho às 19h - Online - Certificação de 4h.

Aulas com:



Tatiana Pequeno
Professora no POSLIT
(UFF)



Paulo Zan
Pesquisador no PPGLITCULT
(UFBA) / Membro do SIPSI

Investimento: **R\$ 60** (Inteira) e **R\$ 30** (Meia)

Realização:



Será ainda possível falar de Kafka com anos após a sua morte? Na verdade, torna-se cada dia mais impossível não mencionar o seu nome: a modernidade que nos consome e desmantela é a mesma que mordiscava as beiradas da consciência do poeta de Praga. Ou pelo menos é isso que somos levados a acreditar quando mais e mais nos identificamos com reles riscos, traçados desconsolantemente pelo papel.

Pensando nisso, o SIPSI e a O Odisseu se uniram para elencar e decifrar, por meio do instrumental crítico e teórico da Psicanálise e dos Estudos Literários, as possíveis leituras de Franz Kafka. No minicurso "Leituras Psicanalíticas de Franz Kafka" Paulo Zan (@escritorpaulozan) e Tatiana Pequeno (@tatianapequeno) nos conduzirão, nos dias 26 e 27 de junho entre as 19h e 21h, por entre as labirínticas interpretações do texto kafkiano, desbravando o que há de mais inconsciente em sua obra, ao revelar o que há dela em nós mesmos.

Garanta já a sua inscrição! (R\$ 60 inteira, R\$ 30 meia).



**Inscreva-se por
meio do QR
Code ao lado!**



Aula 26/06 (Quarta)

“Kafka entre a carta e o nome do pai”

Por Tatiana Pequeno

Escritora, pesquisadora e professora. Doutora em Letras pela UFRJ (2011), atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura da UFF, onde coordena o Grupo de Pesquisa Psicanálise, Corpo, Gênero, Raça e Sexualidade nas Literaturas de língua portuguesa. Faz parte também, como pesquisadora, da equipe de pesquisa Intersexualidades, grupo de investigação sediado na Universidade do Porto, em Portugal. Possui cinco livros de poemas publicados pelas editoras Oficina Raquel, Macondo, Cult e Patuá, tendo sido convidada para diversas feiras literárias: Flip – Paraty e Feira do Livro de Maputo (Moçambique), por exemplo. Seus poemas foram publicados em antologias e revistas de diversos países como Argentina, Venezuela, Colômbia, Chile, Estados Unidos, Moçambique, França e Portugal. Participa há algum tempo como jurada de prêmios literários nacionais e internacionais, tais como Prêmios UFES de Literatura e Prêmio Oceanos (2022, 2023), dentre outros.



Aula 27/06 (Quinta)

“Entre o cansaço e a culpa: Kafka”

Por Paulo Zan

É graduado em Filosofia pela UFBA com a entrega do trabalho “Condenação e Culpa nas ‘Punições’ de Franz Kafka”, onde investiga as noções de condenação e culpa nas “Punições”, reunião virtual das obras “O veredicto”, “Na colônia penal” e “A metamorfose”, além da noção de “máquina” em “Na colônia penal” e em “O processo”, e da ideia de “vida desgarrada de sentido” (uma espécie de desamparo) na “Metamorfose”. Também é mestrando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e membro do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI). Como escritor, já publicou os livros de contos “Linha tênue” (2022) e “Trapaças” (2023), e tem participação nas antologias de contos “Pacote de Textos” (2021) e “Acaso Literário V.1” (2021). É apresentador do Orgulhoso Cast e colunista da revista O Odisseu.



EDITORIAL

Utopia, distopia ou retropia?

Aline Félix

Editora da revista O Odisseu, onde também faz direção de conteúdo e escreve as newsletters. É mãe, mulher feminista e gaúcha. Administra a página "Fração de Livro" (@fracadolibro_por_alinefelix), no Instagram, onde lê trechos de livros diversos.



Amores leitores,

"É, talvez, demasiado otimista esperar que, quando a sociedade humana tenha de fato melhorado, haja muito menos dor do que agora; mas mesmo assim, é certamente legítimo esperar que a dor esteja mais igualmente distribuída do que agora, que haja menos daquela enorme desproporção entre uma sorte e outra que existe até agora, e que a sociedade esteja melhor ajustada às exigências morais do seu estado. Essa é a pergunta entre nós: não é entre distopia e utopia. Seria uma distopia possível, uma condição de coisas tão extremamente má quanto possível; e contra isso, e não contra o que parece pouco provável que aconteça, mas o que é, no entanto, possível, e por ser possível, digno de ser prevenido, que estou sempre pronto a combater."

Esse é um trecho do discurso proferido em 1868 no Parlamento Britânico, por John Stuart Mill, filósofo britânico, e esse também, foi o nascimento do termo "distopia". O discurso era sobre uma legislação que propunha a dissolução da Igreja da Irlanda como uma instituição estabelecida e a redistribuição de seus fundos. Mas o termo ficou mesmo conhecido a partir de obras como Admirável Mundo Novo, 1984, Fahrenheit 451 e tantas outras páginas ou telas, em filmes como Blade Runner, Mad Max...

Seja com universos futurísticos ou realidades que se confundem com acontecimentos contemporâneos, há uma característica que permeia essas obras: o controle extremo sobre as pessoas, seus corpos e suas decisões, geralmente por governos totalitários, que na busca de uma sociedade perfeita, não admitem que seus cidadãos cometam falhas.

Então, são essas distopias a utopia de alguém?

O que difere a utopia da distopia é o ponto de vista?

Ou será que estamos vivendo uma retropia, como descrito pelo filósofo e sociólogo Zigmunt Bauman, uma busca por um

mundo melhor não mais no futuro, mas em ideais do passado, como nacionalismos fervorosos e os inacreditáveis pedidos pela volta da ditadura?

Diante dessas reflexões, os queridos colonistas exploraram o tema da distopia com os mais diversos olhares, sejam eles de classe, raça, gênero ou um simples olhar pela janela e o confronto com a dura realidade distópica que vivemos no Sul do país.

Amores leitores, boa viagem por esta utopia que é nossa revista e nossos textos distópicos.



Arte de Cristiane Alvarenga
(@abstratas_cristianealvarenga)

ENTREVISTA

Uma solarística das distopias

O perfil de uma aula sobre literatura distópica na Faculdade de Filosofia da UFBA

Saulo Dourado

Saulo Dourado é professor de Filosofia no IFBA – campus Irecê e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA. É autor de títulos de ficção como “O autor do leão e mar e seus descontentes”, além do livro de ensaios introdutórios Filosofia “de um início a outro” pela Editus – UESC



Os professores Abel Lassalle Casanave e Carlota Maria Ibertis e seus alunos, durante a aula em que foi gravada a entrevista para a revista O Odisseu.

“Por que não gravamos a entrevista durante a aula?”, responderam os professores Abel Lassalle Casanave e Carlota Maria Ibertis diante do meu pedido de uma gravação sobre distopias, tema da disciplina que eles já ofertaram durante a pandemia e voltam a ministrá-la em conjunto, no primeiro semestre de 2024, para a graduação em Filosofia, no campus próprio de São Lázaro, da UFBA. Aceitei prontamente, o que trouxe pilhérias de dois jornalistas amigos meus quando contei a empreitada. Como eu colocaria o gravador, captaria o som, faria questões com réplicas, aprofundamento reflexivo dos entrevistados, em meio a uma aula regular?

Eis, na verdade, um acontecimento revelador para o casal de professores que me aguardava na sala 10, do Pavilhão de Aulas Raul Seixas, com alunos sentados nos dois lados do semicírculo que se formava. Trata-se de dois crédulos no ensino – não na abstração da educação, nas palavras grandiloquentes sobre o destino pedagógico, e sim no ato de compartilhar conhecimentos porque existem e revelam um mundo. “Não é para escutar a mim mesmo que eu estou em sala de aula, para formular grandes monólogos intelectuais”, disse-me o prof. Abel no corredor, com seu sotaque portenho, sua cabeleira grisalha, os óculos redondos e o cigarro pontual, “é pelos alunos, para que aprendam”. Esta afirmação é simples, como ainda é necessário ser.

Recebeu-me a prof^a Carlota na porta, de óculos de aros finos, o sorriso acolhedor, as palavras já um pouco mais suavizadas pelo acento baiano. Na sala tocava uma trilha sonora inspirada na trama Solaris, livro de Stanislaw Lem, que teve diversas adaptações cinematográficas, incluindo a clássica de Tarkovski. Era o romance a ser introduzido neste dia, em um dos módulos sobre Distopia e Memória, título do componente. Por isso inclusive pude ser visto como um “hóspede” entre os rostos novos que logo me apareciam. Na obra de ficção científica do polonês Lem, lançada em 1961, cientistas começam a ver aparições são “hóspedes”, “visitantes”, pessoas que estão atrelados em suas vidas de modo íntimo, reprimido, e que ali aparecem de modo fantasmagórico.

O meu retorno à sala de aula de Abel e de Carlota não seria para tamanha análise, afinal não há culpa alguma por eu ter-me tornado também professor de filosofia. Quando eu estive com eles pela primeira vez, eu me graduava, e eles se tornavam o casal argentino, vindo de docência pregressa no Rio Grande do Sul, que desembarcara em Salvador direto para a antiga fazenda da Federação, ainda com suas árvores enormes e certo ar campestre, em que se abrigam os filósofos da universidade federal. Carlota Ibertis é especialista em Filosofia da Psicanálise e, em suas aulas sobre Modernidade, arrebatou alguns colegas para as teorias de Condillac. Abel Lassalle Casanave, por sua vez, é um grande especialista em Filosofia da Matemática, com ênfase nas teorias de Kant, e foi quem ensinou a mim e à minha classe a não chegarmos atrasados sequer um minuto em nome do imperativo categórico. Por que análises de literatura de ficção científica em situações totalitárias ou apocalípticas agora, em um tópico especial para os graduandos? “Na quarentena, estávamos em um contexto distópico, e francamente, dar a Crítica da Razão Pura online não é uma das melhores ideias”, disse Abel com um sorriso de pilhéria. E agora? “Parece haver um clima geopolítico em se tentar reviver a

ENTREVISTA

Guerra Fria”, falou Carlota, caminhando pelo espaço da sala, entre os alunos atentos no semicírculo.

A aula transcorreu como lhe é próprio, a partir de um slide no eixo central, com exposições sobre tópicos que seguiam e retornavam, com interrupções bem colocadas, com analogias, intertextualidades, e um ânimo de fórum virtual de Skoob entre os estudantes, tanto os mais jovens, recém egressos do Ensino Médio, quanto os mais experientes, que veem na Filosofia um retorno à faculdade, para interpretar a trama de *Solaris*, em que um psicólogo em missão científica numa estação em que cientistas estudavam o imenso oceano do planeta *Solaris*, mas agora não retornam mais contatos. As questões anotadas para a entrevista, que seriam feitas nos intermédios dos solilóquios, desvaneceram-se pela imersão do entrevistador na experiência. Contudo, podem ser recolocadas ou mesmo criadas aqui com certa verossimilhança, já que tiveram suas respostas elaboradas ao longo das explicações, como prova da astúcia dos professores.

De que modo a literatura pode formar um filósofo, uma filósofa?

Prof. Abel: Os conteúdos [de uma disciplina como esta] dizem respeito a ampliar os horizontes culturais de nossos alunos que, por razões de uma suposta hiperespecialização na graduação, passam quatro anos em um curso de filosofia. Na melhor das hipóteses, aprendem filosofia, mas sem adquirir conhecimentos gerais relevantes para a atividade filosófica, como, por exemplo, a história do século XX ou a literatura, que aqui nos interessam diretamente, mas poderia ser outra área de estudo relevante. Percebemos que muitos dos alunos não tinham lido esses romances ou não tinham assistido aos filmes que inspiraram esses romances. A cinematografia, com seus próprios meios, também faz parte desse universo cultural característico do século XX.

E o que isso tem a ver com a discussão das ideias? Claro, com o universo cultural em que a filosofia também se insere. Mas sempre fazemos esta advertência: *Solaris* [por exemplo] não é um tratado de filosofia. A literatura se sustenta por si mesma e ser e ser adjetivada de filosófica ou não tem pouca ou nenhuma relação com a sua qualidade ou não tem pouca relação com sua qualidade. A ideia é evitar “filosofemas”, isto é, que um enredo precise ser interpretado conforme algum conceito filosófico, embora

possamos reconhecer, claro, ou a presença deste ou aquele tópico filosófico em um romance. São coisas diferentes.

Como podemos bem definir a literatura distópica?

Profª Carlota: Os romances distópicos são uma projeção dos conhecimentos que temos à nossa disposição, lançados em um não-lugar futurista. Em geral, as distopias supõem uma descrição de uma sociedade “racionalmente” projetada, com certas características que, de alguma maneira, se tornam distópicas, contrárias ao bem-estar, embora a intenção inicial do projeto social fosse o oposto.

Nesse sentido, podemos perceber que um romance como *Solaris* se diferencia de, por exemplo, *Nós* [de Yevgeny Zamyatin], *Admirável Mundo Novo* [de Aldous Huxley], 1984 [de George Orwell] e *Fahrenheit 451* [de Ray Bradbury]. Há uma certa diferença.

Em *Solaris*, não há, em princípio, uma descrição detalhada de uma sociedade planejada “racionalmente” para alcançar uma vida feliz. Contudo, uma característica muito importante desse gênero é a advertência, o quanto toda distopia, mais do que uma profecia, supõe ou acarreta uma espécie de advertência sobre a condição humana.

Qual é a visão de ciência em uma distopia como a de Solaris? De que modo a ficção científica pode dialogar com a nossa experiência de ciência?

Profª Carlota: No romance há uma atividade solarística, que é o estudo exclusivo de um oceano gelatinoso cobrindo o todo do planeta. Seria o único habitante do planeta, e há toda uma discussão sobre qual é o estatuto desse habitante. O engraçado na classificação é que gênero, espécie, classe e indivíduo coincidem, o que indica uma cronologia de inúmeros termos e noções sem uma conclusão definitiva de uma natureza tão instável e mutável. É uma gozação com a quantidade, a multiplicidade, os modelos acadêmicos de investigação, e da elaboração de hipóteses frente a algo que resiste (...) Pois, afinal, como se conhece o mundo aqui? Por semelhanças, por familiaridades.

Prof. Abel: É interessante porque não há uma desqualificação da atividade científica, mas vão-se mostrando aspectos da atividade científica de maneira irônica. Aqui pode haver um momento distópico em um sentido muito particular: enfrentamos um problema que não

ENTREVISTA

conseguimos resolver e que tenha algo de impossibilidade que se possa mostrar, não simplesmente um problema difícil. Mas há problemas difíceis em ciências que você pode deixar de lado por sua dificuldade.

[A estudante Ternisia Pedra, espontânea desde o início, mais colorida de vivências, interveio ao recordar que, nos anos 50 e 60, o mar despontava como um dos grandes mistérios da Terra, apesar de já termos explorado muitos continentes. Naquela época, o mar seria visto especialmente como um gigante desconhecido e era considerado o futuro da exploração. "Por mais que se faça uma ficção de um outro planeta, era transposto um modelo atual", afirmou ela, e conclui: "O autor não conseguiu sair da caixinha do nosso modelo de vida, mas é curioso que com esses elementos ele conseguiu criar alguma coisa muito nova."

Carlota, atrás da mesa baixa e cinza, curvou-se com os óculos pendendo sobre o nariz para ver: "Eu acho que o que você diz está relacionado a uma reflexão sobre o processo de criação. O que ele está fazendo é uma combinação realmente fantástica, e, como você mencionou, podemos relacionar isso à experiência conhecida. No entanto, essa combinação é muito inovadora, muito original, que abre questões sobre o futuro e serve como um alerta", voltou ela a enfatizar o sinal de alarme que as narrativas de ficção científica disparam. Abel complementou: "As composições são feitas com materiais reconhecíveis. Você pode pintar o quadro que quiser, mas os elementos vêm de outro lugar. Todo ato de criação parece supor ou aproveitar algum tipo de experiência, mesmo que essa experiência seja transformada em algo muito diferente. Nesse sentido, não haveria criação do nada, a partir do zero."

Se na análise dos personagens de *Solaris*, no desenvolvimento da trama, havia uma marcação expositiva entre os dois professores, nos desdobramentos das questões sobre filosofia da ciência e sobre a condição humana em sua relação com o conhecimento e a linguagem, complementavam-se de bom improviso e formavam um texto único. Poderíamos assim nomeá-lo (por escolha humorística de ambos, quando interpelados pelos alunos como eles entendiam o Grande Oceano) e organizá-lo:

"O Alienígena"

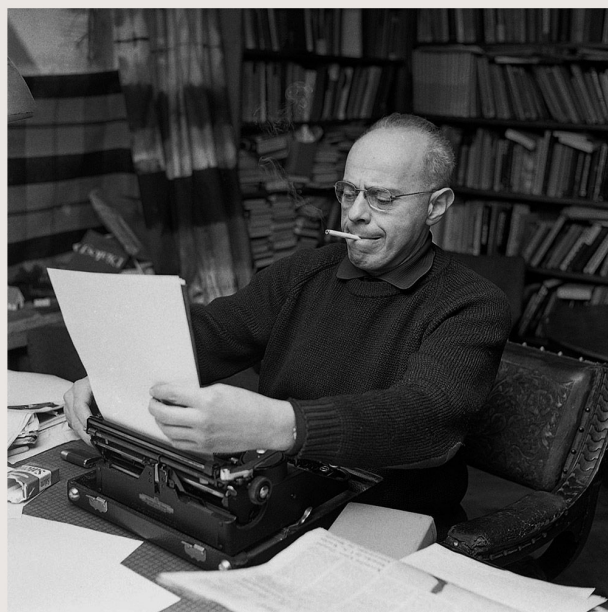
Uma coisa que me chamou muita atenção foi a descrição do oceano como ser alienígena [feita pelo estudante William Cruz da Silva]. Até então, na ficção, vemos alienígenas como algo parecido ou similar a nós. Mas o oceano é diferente: ele traz essa ideia de um ser vivo, um ser que pensa, e é difícil imaginar tamanho organismo

Se vocês lembram, tem um momento no livro que diz: 'Nós continuamos girando em torno de conceitos e concepções humanas.' Exatamente. Parece que há momentos em que o próprio autor declara que escolheu representar o ser alienígena como um oceano para que não haja nenhuma tentação de interpretá-lo de maneira antropomórfica.

"Existe uma tendência humana de buscar algo semelhante a nós, uma civilização ideal. O oceano, com essa forma, meio que desperta um desejo narcisista de encontrar algo semelhante em outro mundo", diz William. Isso dá um efeito muito mais inquietante, porque há uma opacidade nesse oceano. Ele não tem forma, não se manifesta, não fala, não se movimenta como um humano. Esse diferencial quebra nossas expectativas e nos desafia a pensar.

É possível reconhecer uma civilização ou cultura pela presença de artefatos. E como se reconheceriam tais artefatos de outros? E como se reconheceriam instrumentos de outros? Por que nós reconhecemos uma faca, pontas de

Stanisław Lem, autor de *"Solaris"*, Kraków, 1971, photo: Jakub Grelowski/PAP (Reprodução)



ENTREVISTA

flecha, um templo? Claro, fazemos isso por semelhança ou analogia. Por familiaridade, não por propriedades físicas simples. Não reconhecemos um templo apenas por uma descrição de suas propriedades físicas. Quando encontramos artefatos, muitas vezes não sabemos imediatamente o que são.

Por um lado, podemos entender isso como uma questão sobre se o oceano pode nos compreender simplesmente ao reproduzir e materializar lembranças ou marcas mnemônicas nossas. Há uma questão filosófica clássica aqui: a relação entre cérebro e consciência. Até que ponto temos a possibilidade de traduzir essa relação? O que significa essa união? Como explicamos as lembranças no sentido que as entendemos e não apenas como marcas simples no cérebro, como traços nucleicos?

O texto sugere que o cérebro pode estar apenas refletindo esses traços nucleicos, sem que haja compreensão do fenômeno. Não sabemos se a ação de espelhar implica em alguma forma de entendimento ou de comunicação. A imagem do espelho indica que não necessariamente há uma consciência do que se está espelhando. Ou dois seres sem linguagem comum. Se um pernilongo me pica e eu o afasto, eu me comuniquei com ele? Ou se trata de uma reação automática à dor da picada? Não sabemos se o oceano simplesmente funciona como uma espécie de espelho, que não apenas reflete, mas também materializa. É para nós um alienígena.

Os alunos interrompiam (como bem devem fazer), interpretavam, ligavam os fios das frases manifestas. Como também não seriam autores de *O Alienígena*, se impulsionavam as ideias com o que diziam e com o que não diziam? Lázaro Vinícius, com o indicador no queixo, a feição de fato intrigada, indicou a sua dúvida de quem na trama estará analisando quem, os cientistas analisam o Oceano, o Oceano analisa os cientistas ou ambos? Alexandre Costa, um rapaz de moletom e bermuda, lembrava a grande máquina sem comando central, um modelo kafkiano próprio do realismo capitalista instaurado entre nós. Mariana Pinto, com sua camisa preta escrita UFBA, mencionava o feminino próprio da personagem Harey, a “hóspede” materializada do psicólogo protagonista, a ex-esposa que tirou a própria vida anos atrás, e como aquela irrealdade de aparição poderia convencer a ponto de ser legítimo considerar uma nova vida

em sua companhia. E a turma se perguntou: imagine uma nova relação com um amor do passado, agora refeito em suas características de acordo com as nossas? João Andrade, de camisa de manga curta, short curto e um piercing nas sobrancelhas, intuiu uma interpretação em que o Oceano estava a par de todas as ações humanas e queria sim tomar conta daquela estação de estudos solarísticos.

Maria Clara Ferreira, com peruca rosa e as vestes escuras, remetia ao aspecto existencial de toda a história e assim refletiu: “O ser humano vai em busca do desconhecido sem ao menos conhecer a si mesmo e ao mundo no qual ele vive”. Ela abriu seu exemplar de *Solaris*, da editora Aleph, e mostrou o recorte que lhe impressionara. A prof^a Carlota havia a trilha sonora “Polytheria Syncytialia Metamorphia”, do YouTube, elaborada por algum fã da obra, o que trouxe uma atmosfera sideral para a leitura (recomendamos especialmente a faixa Snaut and Sartorius).

— Não buscamos nada além de pessoas. Não precisamos de nenhum outro mundo. Precisamos de espelhos. Não sabemos o que fazer com os outros mundos. Para nós basta este mundo, e ele ainda nos deixa boquiabertos. Queremos encontrar a nossa própria imagem idealizada; deve haver corpos celestes com civilizações mais aperfeiçoadas do que a nossa; em outros, esperamos novamente encontrar o reflexo de nosso primitivo passado. Entretanto, do outro lado, existe algo que não aceitamos e do qual nos defendemos, pois, afinal, nós não trouxemos da Terra apenas um destilado das virtudes, uma estátua heroica do Ser Humano! Viemos para cá tais como somos de verdade, e quando o outro lado nos mostra essa verdade, essa parte que dissimulamos, não podemos nos conformar com isso!

— Então o que é isso? – perguntei, tendo-o escutado pacientemente.

— É algo que queríamos: o contato com outra civilização. Nós temos esse contato! A nossa própria feiura exagerada como ao microscópio, monstruosa, nossa idiotice e vergonha! (LEM, 2017, p. 117)

O estudante Antônio Pedro de Azevedo, mais experiente no grupo, com o caderno aberto e o guarda-chuva apoiado na lateral da carteira, balançava a cabeça em acordo. Para ele, o ponto central da obra reside nas representações inconscientes que se materializam nos

ENTREVISTA

hóspedes.

Logo as expressões mais graves da reflexão se anuviaram com o anúncio da "votação". Era para se escolher o personagem favorito de cada um, como também o tema de destaque do livro, a partir da projeção do slide. Quem havia mais impressionado cada um deles durante a leitura, incluindo o Oceano? "Kelvin", o psicólogo, "Harey", a ex-esposa em aparição, Snaut, Sartorius... "Todos", arriscou William, ao fundo, com sua camisa regata e máscara cirúrgica no rosto. O portunhol do prof. Abel reacende: Solo uno! E ele precisou definir. Na pergunta sobre o tema central da obra, o titubeio do rapaz se repetiu. No, William, solo uno! Ele passava a mão sobre a testa, enquanto a turma ria, solidária. Dentre os resultados, Kelvin, Harey e Snaut empataram, e a questão central variou entre "o conhecimento de outros mundos", "possibilidades da ciência" e uma "história de amor".

No espaço aberto para considerações finais, fiz a única pergunta da entrevista que já se desvaneceu para o perfil de uma aula. Nada como o ritmo de uma aula afinal, no qual a formulação de conceitos é ainda mais viva. Ainda assim, para efeitos de cumprimento de demandas, registro as origens motivadoras da visita deste hóspede.

As distopias eram pensadas a partir de uma ideia de totalidade técnica, instrumentalizada por um governo absoluto. Havia um controle, uma ciência racionalizadora da vida pública. Podemos dizer que hoje as nossas distopias se constroem pela ausência de responsáveis, pela falta de controle, pela negação da ciência?

Prof. Abel: Veja, em 1984, não é o triunfo de uma ciência como organizadora do sistema. Isso você encontra em Admirável Mundo Novo e em Nós. (em outro momento, Abel pôde acrescentar, o que insiro aqui ainda em nome da verossimilhança que pode ampliar a verdade, em vez de substituí-la) A "ciência racionalizadora" de Nós ou de Admirável Mundo Novo é uma ciência desprovida de sua mais importante propriedade: sua capacidade de se renovar. Em outras palavras, despojada de seu enorme poder desestabilizador. Portanto, a racionalidade científica de que se fala é um simulacro de ciência, como o mostra, por exemplo, o papo de Mustafá Mond na obra de Huxley. E, que não me ouçam os amantes de Platão, nas distopias desse tipo está presente o ideal da República de um

saber que não admite modificação, de um arte fixo e funcional, como a ciência, ao Estado Ideal, etc. A ciência é despojada do seu poder desestabilizador.

Em 1984, o problema do regime do Ingsoc, que seria um acrônimo para o Socialismo Inglês, não reside no conhecimento científico, e sim na negação do conhecimento científico, na medida em que o Partido pode até decidir que dois e dois são cinco.

Quando fizemos o primeiro curso, o princípio que organizava era diferente. Pensando nas etapas do século XX, a primeira era a de um mundo unificado, que é o modelo de Admirável Mundo Novo e é o modelo de Nós em algum sentido, se você pensa em uma espécie de Estado Único que sobrevive a uma catástrofe ou que elimina guerras. 1984 e Fahrenheit 451 respondem ao que chamamos, naquele momento, a etapa de um mundo dividido, que é a Guerra Fria do pós-guerra.

O último texto que vimos era O Conto da Aia [de Margaret Atwood], distopia de um mundo fragmentado. Isso foi para mim, lembro, o principal desconforto que senti quando li O Conto da Aia: percebi que eu não entendia a nova geopolítica. Um dia, decidi ler um livro de Stanislaw Lem, depois que a Croácia marcou três gols na Argentina em um mundial fenomenal, a Copa do Mundo de 2018... É que eu necessito ler durante horas seguidas para esquecer algo assim... Havia comprado em um sebo uma coletânea de escritos de Stanislaw Lem, e em algum momento há uma viagem em que personagens desembarcam em um planeta, fazem geopolítica, são três potências, dois a uma, não podem destruir-se. Então, percebi: claro, isso é o que estava me faltando em O Conto da Aia, estavam me faltando as categorias geopolíticas com as quais fui criado, com as quais pensei o mundo desde muito pequeno. Antes havia superpotências, uma guerra nuclear, Guerra Fria, conflitos na periferia das respectivas áreas de influência, como os regimes militares na América Latina, e em O Conto da Aia isso não estava mais no horizonte.

Essa fragmentação, que eu não havia entendido que era o pano de fundo geopolítico do romance, talvez se relacione ao que você está dizendo: antes havia uma espécie de ideia de unidade, depois o distópico passa pelas lutas entre potências, e depois uma terceira coisa, onde já não temos as referências geopolíticas que marcaram o século XX.

ENTREVISTA

Profª Carlota: No entanto, acho que hoje em dia, pelo panorama atual, parece haver uma tentativa, embora não digo que vá ser bem-sucedida, mas uma tentativa de reviver e repor a ordem própria da Guerra Fria, de certa oposição entre blocos de superpotências. Começamos a ver certo papel dos Estados Unidos com desgastes, há uma tentativa da Rússia em retomar um certo papel de preeminência em torno dos estados da Europa Oriental. E temos a China como potência econômica e militar de primeira ordem.

Prof. Abel: E a realização do pior pesadelo estratégico dos Estados Unidos na década de 60: uma aproximação entre a China e a Rússia. De fato, isso está acontecendo. Quando Nixon abriu relações dos Estados Unidos com a China, a preocupação era que a China e a Rússia se alinhassem. Isso mudaria radicalmente o quadro geopolítico. É o que está ocorrendo hoje.

Profª Carlota: Os grandes atores do mundo estão numa espécie de nostalgia da época da Guerra Fria. O que me preocupa é que muitas vezes eu vejo pessoas, indivíduos, também com nostalgia daquela época. Então, se isso está se reproduzindo ao nível do macro e encontramos isso no micro, nós nos perguntamos: será que isto vai acontecer?

Prof. Abel: Durante a pandemia, quando ministramos pela primeira vez esta disciplina, estávamos em um contexto distópico. Padeíamos de irrealidade. Nós apresentamos os quatro títulos das distopias à época [Admirável Mundo Novo, 1984, Fahrenheit 451 e O conto da aia] e perguntamos aos alunos qual livro percebiam capaz de se tornar realidade em nosso tempo.

Profª Carlota: Como uma ameaça.

Prof. Abel: Imaginamos que pudesse ser Admirável Mundo Novo, mas os alunos aqui presentes, responderam 1984.

Profª Carlota: O que acontece é que a pandemia coincidiu também com o governo Bolsonaro...

Prof. Abel: Um componente bastante significativo... Porque não se tratava de uma sociedade uniformizada pela ciência, mas pelo contrário, a partir da negação da ciência.

A aula, contudo, tem o seu tempo próprio. Encerra-se sem que de fato se termine. A conversa fica ainda para uma próxima, e a porta da sala estará pontualmente aberta.

MARGARET ATWOOD, autora de "O Conto da Aia". Foto de Alasdair Mc Lellan (The Gentlewoman/ Reprodução)



CRÍTICA

Aldri Anunciação e a distopia do absurdo possível

Ewerton Ulysses Cardoso

Comunicador, designer escritor. É fundador e editor da revista O Odisseu. Como ficcionista, publicou contos nas antologias "Noites de Horror" (ETL, 2023) e "Sentimento do Mundo" (Libertinagem, 2023). É aluno do curso de Letras (Português e Espanhol) na Universidade Federal da Bahia.



O ator Flávio Bauraqui (à esquerda) e o ator e dramaturgo Aldri Anunciação (à direita) encenando "Namíbia, não!"
Foto: Caio Lirio (Melanina Acentuada/Divulgação)

Para o número de junho da Odisseu, decidi revisitar um dos dramaturgos contemporâneos que mais me interessa: Aldri Anunciação. Baiano e soteropolitano, Aldri alcançou visibilidade nacional com o texto teatral "Namíbia, não!" (EDUFBA, 2013) que venceu o Jabuti e que foi montado com direção de Lázaro Ramos. É precisamente desta obra que irei falar neste texto.

Como mencionei, trata-se de um reencontro com Aldri e com o texto. Já tinha lido o livro e é uma obra que eu gosto bastante. Dessa vez, no entanto, retorno para a obra em busca de captar mais dos elementos distópicos que aqui estão. Aldri dialoga diretamente com a tradição das distopias do século XX (a saber "1984",

"Admirável Mundo Novo", "Nós" e outros) no sentido em que cria uma atmosfera de absurdo a partir de elementos do contexto político vigente.

Ora, pode ser que parecesse loucura que existisse um "olho que tudo vê" e vigiasse cada um dos passos de todas as pessoas do mundo na época do lançamento de 1984. No entanto, a própria conjuntura político-social da época, no contexto da Guerra Fria, já sugeria por meio de alguns exemplos que isso era algo em desenvolvimento. Hoje, com a ditadura dos algoritmos e do Big Data, não é nada absurdo.

Semelhantemente, pode parecer absurdo que mulheres precisem se submeter a uma vida de violência sexual e estupro para engravidarem numa sociedade estéril, como o que acontece em "O Conto da Aia", de Margaret Atwood. Mas

CRÍTICA

Esse absurdo perdura apenas por um momento, quando olhamos de longe. Quando nos aproximamos de nossa realidade cotidiana, da situação política e das opressões que perduram, percebemos que já vivemos o absurdo e que piorar é sempre uma possibilidade.

Aldri traz elementos novos para essa tradição. Acredito que “Namíbia, não!” tenha sido o meu primeiro contato com uma distopia que trouxesse a problemática do racismo como o elemento central de uma sociedade autoritária. É curioso. Porque o racismo de fato é o elemento central de uma série de opressões no mundo, só que ainda assim poucas pessoas pensaram nisso. Claro que, com o tempo, conheci Octavia Butler, pioneira na ficção especulativa que problematizava o racismo, porém a peça de Aldri foi minha primeira experiência.

Caso você não conheça, o plot de “Namíbia, não!” consiste na aprovação de uma medida provisória (daí vem o nome do filme que é adaptação da peça) que determina que pessoas de “Melanina Acentuada” devem retornar para África como uma forma de “consertar” o problema estruturais causados pela escravidão. Há, aqui, uma série de questões que valem o debate.

O primeiro, é claro, a terminologia “Melanina Acentuada”, uma das tiradas mais sagazes de Aldri nesta peça (ele tem várias). É

sagaz porque é ambíguo. Afinal, quem tem melanina acentuada e qual é o padrão de medição dessa melanina? Por exemplo, o texto da peça ironiza a situação de Antônio Pitanga e sua filha Camila Pitanga. Ora, Antônio certamente seria afetado por Antônio, mas e Camila? Claro que Camila é uma mulher negra, embora o seu tom de pele mais claro possibilite uma série de privilégios e, se a medida provisória fosse real, permanecer no Brasil poderia ser um deles.

Para mim, é interessante pensar nisso. Ora apontado como negro, ora como branco, a depender de quem me olhe e com atenção a quais traços fenóticos, eu certamente ficaria muito tenso com essa análise. Seria eu enviado para África? Será que meu cabelo seria fator o suficiente para me considerar negro, bem como minha boca ou nariz? Ou meu tom de pele mais claro seria o suficiente para me conceder, mais uma vez, a passabilidade? Na possibilidade de ser lido como branco, eu certamente sentiria um “alívio doloroso”: alívio pelo não envio à África, mas dor pela negação de uma história.

Outro elemento que a peça traz é o do futuro próximo. Na apresentação da peça, Aldri determina que esse “futuro” deve ser sempre cinco anos depois do momento da apresentação da peça. Ou seja, em 2013, a peça se passava em 2018 (curioso, não?) e, apresentada em 2024, se passaria em 2029. Em comparação com as

O ator Flávio Bauraqui (à esquerda) e o ator e dramaturgo Aldri Anunciação (à direita) encenando “Namíbia, não!”
Foto: Caio Lirio (Melanina Acentuada/Divulgação)



CRÍTICA

demais distopias, podemos pensar que é um futuro bem próximo. Mas é que de fato a nossa conjuntura permitiria, a qualquer momento, que medidas mais extremas fossem tomadas em relação à população negra. Na verdade, isso sempre acontece. A pessoa negra vive sempre uma distopia. O mundo já é cruel demais para pessoas de “Melanina Acentuada”.

Mesmo em momentos de amplo debate de direitos humanos, é interessante pensar que um futuro como “Namíbia, não” é possível. Basta lembrar o que Simone de Beauvoir diz sobre a permanência das opressões: nenhum grupo minoritário de fato está livre da violência em qualquer época ou contexto.

Beauvoir diz (sobre as mulheres, mas pode ser interpretado para qualquer grupo minoritário):

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.” (BEAUVOIR, 1949).

E, de fato, o texto de Aldri conseguiu se mostrar profético em alguns sentidos. É curioso pensar que, quando o dramaturgo escreveu em 2013 uma peça que mostraria o isolamento social de dois homens pretos num apartamento, certamente não teria em mente que essa seria uma realidade em 2020 por conta da pandemia da Covid-19 que afetou, sobretudo, a população preta.

Além disso, será que quando Aldri escreveu a morte por asfixia do personagem “André”, ele imaginaria que suas últimas palavras – “eu não consigo respirar” – seria as últimas palavras do homem negro cuja morte desencadeou uma série de revoltas também em 2020, ano do início da pandemia?

Eu imagino que não conscientemente, uma vez que a produção da ficção sempre envolve a criação do absurdo – e nesse sentido, Aldri consegue desenvolver o absurdo com potência semelhante à de Kafka –, porém eu também imagino que, sim, ele imaginou que seria possível. É que a opressão a pessoas negras é previsível. De modo que enquanto perdurar este racismo sustentado pelo capitalismo, “Namíbia, não” continua sendo um futuro possível.



O dramaturgo e ator Aldri Anunciação durante a encenação da peça “Namíbia, não!”. Foto: Caio Lirio (Melanina Acentuada/Divulgação)

REFERÊNCIAS

ANUNCIÇÃO, Aldri. *Namíbia, não!* Salvador: EDUFBA, 2012.

Beauvoir S. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1949.

CRÍTICA

Madnaus: um mix absoluto

Paulo Zan

É graduado em Filosofia e mestrando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Já publicou os livros de contos "Linha tênue" (2022) e "Trapaças" (2023), e tem participação nas antologias de contos "Pacote de Textos" (2021) e "Acaso Literário V.1" (2021). É apresentador do Orgulhoso Cast e colunista da Revista O Odisseu.



"Madnaus" é um daqueles livros que nos faz querer escrever também. E olha que estou longe de ser um grande interessado em ficção especulativa. Gosto de pensar a literatura através dos afetos, e talvez tenha sido isso que apareceu para mim nesta obra. Os afetos dos dias desnorreados. Do ser estranho ao mundo. E de ver a realidade se transmutando numa coisa alienígena.

No filme "Noites alienígenas" (dir. Sérgio de Carvalho), o norte tratado é o Acre, porém nos serve para pensar em como a invasão acontece. Nos abre uma fresta para discutir o Brasil do

ponto de vista do que ele é. E não do que queríamos que ele fosse. Na Manaus modificada do livro de Susy Freitas, somos confrontados com o imaginário que temos deste lugar: uma cidade verde e marrom, diametralmente oposta às cidades concretadas que estamos acostumados, ou ao menos que a maioria dos que vivem nas grandes cidades do Brasil estão.

Perguntei a um conhecido de Manaus sobre os nomes das ruas. Aqui na Bahia é muito comum existir nomes oficiais para as ruas e avenidas e também os nomes não oficiais, os apelidos que damos para as ruas. Não sendo eu de Salvador, se alguém me pergunta sobre a avenida Luís Viana Filho, a desconheço totalmente, agora se me perguntam pelo seu apelido (Paralela)... Ele me respondeu que nem todos os lugares, mas que também há esse tipo de "metonímia" por lá, se é que podemos chamar assim.

E o trânsito?, perguntei.

O trânsito é parecido com o daqui de Salvador.



A escritora Susy Freitas
Foto: Divulgação

Eu achava que o trânsito de Salvador era o pior do mundo...

Susy nos provoca a ter uma imagem de cidade coberta por algo espesso. Por uma névoa de fumaça que toma conta de tudo. Nos faz ver as pessoas carregando seus próprios cilindros de oxigênio para disfarçar um pouco a dificuldade de respirar. Também nos faz pensar nas drogas, na noite, no carnaval e no sexo. Madnaus não é apenas uma corruptela de nome, é a construção de uma cidade tomada, de um tempo tomado, é uma provocação.

No conto que dá título

ao conjunto da obra, conhecemos uma "mitologia", um tempo onde tudo o que imaginamos como futuro é algo velho. Porém, a realidade não é algo tão estranho a nós. O registro, de cada pedaço de carne humana degustada, nos "Slavephones" é sugestivo se pensarmos no que vivemos hoje. A construção de imaginário desse mundo futuro chamado "Madnaus" tem a estrutura dos mitos de fundação. O que assombra aqui é que o passado (que na narrativa) é mítico e quase ontológico se parece muito com o nosso futuro, com o lugar para onde nos encaminhamos a cada passo que damos.

Se eu fosse definir o livro com um adjetivo, diria que é "profético".

"Isso é o futuro?", perguntou Lindie, com dificuldade. "Ou é o passado?"

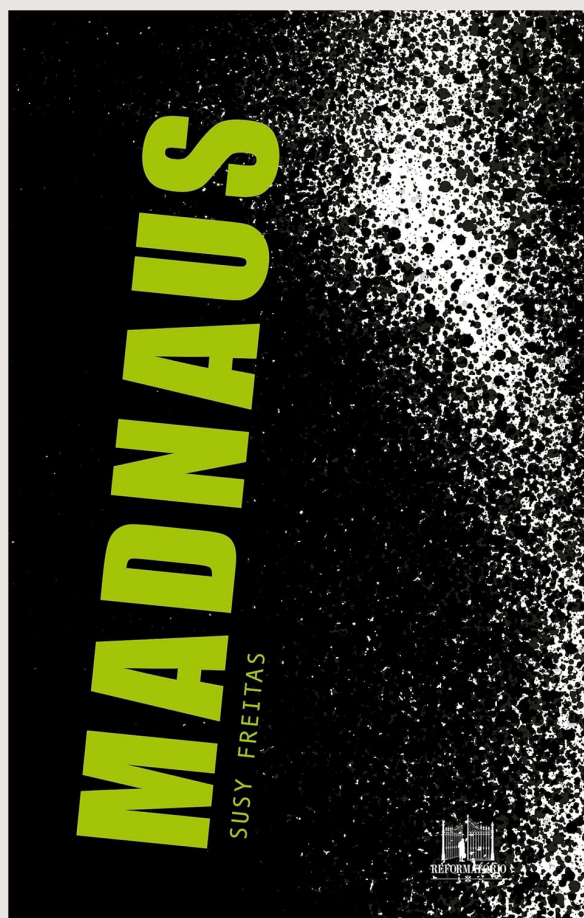
"É algo apenas se você acredita no tempo, benzinho", rebateu Patti, rindo.

CRÍTICA

Apesar do tom profético e um tanto pessimista, Madnaus conseguiu ser também uma leitura divertida. Me fazendo pensar no quão ridículos somos por achar que estamos ilesos ao que fazemos com o mundo. A distopia é agora. O futuro não é algo que ainda está por vir. Ele é um processo, acontece enquanto estamos em meio a isso tudo.

Contos como “Rios voadores” e “Uma chance de encontrar uma saída”, me fazem refletir sobre o que escrever diante de tudo isso. Me suscita a seguinte questão: fazer por mim não é o bastante? Porque sempre vai existir alguém tentando se iludir com uma máquina de sonhos.

Madnaus não é sutil nem gentil, como alerta Ronaldo Bressane. Então não esperemos por uma literatura acolhedora e reconfortante. É, pelo contrário, um livro que nos faz pensar. E pensar dói pra caramba. Ainda mais numa sociedade cada dia mais cansada.



EDITORIAL

Mãe: uma distopia

Aline Félix

Editora da revista O Odisseu, onde também faz direção de conteúdo e escreve as newsletters. É mãe, mulher feminista e gaúcha. Administra a página "Fração de Livro" (@fracaodelivro_por_alinefelix), no Instagram, onde lê trechos de livros diversos.



A escritora Jessamine Chan
Foto: GRACIE HAMMOND (CHICAGOMAG)

Quando me tornei mãe, percebi que havia ocorrido na sociedade um fenômeno bastante interessante: todos, exceto eu, pareciam ter recebido uma cartilha de como criar um filho. Mesmo aqueles que não eram pais se sentiam à vontade para criticar qualquer ação da criança, especialmente em mercados ou restaurantes, onde o julgamento era silencioso, mas evidente.

Por muito tempo desejei essa cartilha. Não é fácil ser mãe, segurar o riso diante das travessuras do filho ou não rolar de rir de um drama bem executado. Exigir que coma verdura, tome remédio, cumpra horários – coisas que eu mesma relutava em fazer – tornava-se um desafio. Mas eu era a mãe, e sentia que precisava de um guia. Pensava que seria reconfortante se alguém pudesse descrever a ação correta diante de cada atitude e me preparar para estar sempre alerta, garantindo a segurança do meu filho.

Essa utopia sobre uma receita perfeita para a

maternidade se transformou em uma distopia angustiante no livro "Escola de Boas Mães", de Jessamine Chan. Nele, Frida, uma mãe exausta física e emocionalmente, age de forma imprudente em relação à filha. O Estado, então, decide enviá-la para uma escola onde aprenderá a ser uma boa mãe. A narrativa de Chan explora diversas mulheres, utilizando sua origem chinesa para falar sobre a relação da personagem principal com os pais, além de abordar questões de gênero, classe e raça. Mesmo entre as mães na mesma situação, o julgamento persiste. Sempre acreditamos que seríamos melhores mães, nesse caso, pensamos que somos possuidoras da cartilha.

A história é inquietante: a separação da filha, a impossibilidade de contato e a exigência de demonstrar afeto a uma criança robô, que filma e julga as ações da mãe, são perturbadores. A maternidade pode ser distópica de várias formas, como também é retratada em "VOX", de Christina Dalcher. Nesta distopia, as mulheres podem falar apenas 100 palavras por dia, e o Estado, governada pelos "cidadãos de bem", dita as regras em prol da família, silenciando as mulheres e impedindo-as de se expressar e estudar.

A doutrinação nas escolas faz com que a Dra. Jean perca a capacidade de educar seus filhos, vendo o distanciamento crescer entre ela e seu filho mais velho, que abraça a masculinidade como poder e acredita que esse poder deve ser exercido livremente. "VOX" traz um fio de esperança, o que faz toda a diferença. Continuei a ler "Escola de Boas Mães" por curiosidade e pelo fascínio por distopias feministas, que lançam uma lupa sobre nossos medos mais profundos e constantes.

Simone de Beauvoir já alertava: "Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida." A utopia dos governos totalitaristas é nos silenciar, nos distanciar do conhecimento e dos afetos que nos fortalecem. E talvez seja por isso que a maternidade está sempre presente nesses cenários, pois é através dela que nossos corpos e ações são mais facilmente controlados.

Quando me tornei mãe, imaginei que uma cartilha seria a solução. Hoje, entendo que a maternidade não se resume a regras pré-definidas, mas a uma resistência contínua contra julgamentos e controle, uma luta por espaço e voz em uma sociedade que insiste em reduzir nossa voz e ditar o que é ser uma "boa mãe".

ENSAIO

De Sarças e Robôs que Sonham

Hyann Pedro Rodrigues

Nordestino, filho da Prata/PB, batizado pelo fogo em São Paulo. Formado em letras vernáculos pela USP, graduando em hebraico na USP. Um fã de Homero, Virgílio, Gabo, Tolstoi, João Cabral de Melo Neto.



Foto de Baran Lotfollahi
(Unsplash/ Reprodução)

Sempre que o tempo e as coisas parecem sem alternativa ou que as alternativas que temos em mente não dão conta são nas histórias que vamos nos recostar. Seja Dante escrevendo a Divina Comédia no exílio, O Decamerão e as peste-negra e tantos outros exemplos. Histórias podem servir como ungentos nos invernos do nosso tempo. O ato de entrar em contato com uma narrativa talvez seja tão antigo quanto as nossas línguas, onde não há espaço, elas criam um espaço para as utopias no mundo caduco. Talvez por conta disso e da aparente eminência de fim do mundo que vivemos desde a guerra fria, emanem obras de utopia e distopia. Envolto em uma tradição que talvez tenha suas raízes na escatologia do fim da idade média e inícios da idade moderna, na qual, em nome de um mundo futuro, negava-se e era pregado o ódio ao mundo vivido e real.

E nisso eu sempre me lembro de uma história que amava na minha infância, uma história sobre travessias, fomes, loucuras e a tentação de desistir. Sobreviventes em um mundo que não poderia mais existir daquela forma, um mundo de dor, injustiça, fome e humilhação. Entre esse mundo e um mundo que nem de longe se mostrava no horizonte, um mundo que era a projeção de tudo o que não existia no presente, do desejo de liberdade, da abundância e da possibilidade de um futuro para chamar de seu.

Uma história que, assim como outras histórias antigas, pode facilmente ser transposta para outros contextos. Poderia ser a história do que vivemos agora entre a decadência de um sistema de divisão desigual e cataclismo e ameaça de um futuro pouco claro, mas que esperamos que seja tudo o que o presente não é. Também poderia ser uma ficção científica sobre um povo que espera um libertador em meio ao deserto, abatidos no seu planeta e subjugados por um poder colonizador. Diante de nada mais do que profecias, medos, sobre grandes desertos habitados por monstros sob a terra.

Entre o nosso passado, presente e o futuro da ficção científica poderia habitar tranquilamente aquela que era na minha infância a história que mais me fascina. Aquela que concorria com o cheiro do peixe que me dava tanto enjoou, as procissões do silêncio a noite na Prata, o medo do fim do mundo e alegria em saber que uma hora tudo ia dar certo, mesmo que levasse 40 anos, mesmo que o mar se abrisse. Nada me era mais bonito e assustador do que as imagens da páscoa. O anjo da morte pairando sobre as casas, o deserto e os seus 40 anos, sarça ardente e tanto outros elementos me embriavam de uma curiosidade assustada.

No caleidoscópio da minha infância existia essa história que ia do fim do mundo conhecido à justiça divina. A história da disputa por mundos possíveis, de filhos arrancados das mães e de uma vontade que fazia se locomover pelo mundo.

Mas seja nas mitologias, na história dos

ENSAIO

nossos antepassados ou na narrativa como uma busca de sentido e estruturação de um mundo futuro, a maneira que interpretamos é sempre, ou quase sempre sobre o nosso momento atual.

Mesmo na ficção científica mais futurista e aparentemente desconectada do presente na sua forma. A maneira que projetamos o mundo diz muito mais sobre o nosso mundo atual, nossa maneira de categorizá-lo e organizá-lo do que propriamente sobre algo além-muros.

Um exemplo disso são os textos de Isaac Asimov. Nos quais, por mais que haja histórias de robôs que sonham, máquinas autônomas que podem gerir planetas inteiros e uma gama de quadros sobre biologia espacial. O autor ainda parece mergulhado na atmosfera do mundo dividido entre duas potências aniquiladoras, cortinas de ferro e da caça constante ao outro. O mundo imaginado por Asimov era rico e frutífero ao ponto de pensar em histórias sobre outros mundos inimagináveis sem, no entanto, se desprender de temas como a guerra, a polarização e a perseguição política.

Ou mesmo "1984" de Orwell, livro que se passa em uma Inglaterra distópica controlada por um estado autoritário e supressor de qualquer forma de liberdade e expressão individual. Da linguagem aos afetos tudo é gerido pelo estado governado pela figura do Grande Irmão. "1984" ilustra a divisão do mundo entre estados que controlam parcelas significativas do globo e que entravam e em alianças ou guerras a depender da conveniência.

No entanto, muito mais do que um panorama de uma história que poderia ocorrer no futuro, "1984" é sobre o mundo já vivido em "1948", ano da escrita do livro. E menos sobre os Tela-telas e o futuro da tecnologia, do que sobre a preocupação de Orwell com o regime de Stalin e os estados totalizantes e cada vez mais munidos do controle das vidas e subjetividades. Mas para além de tudo isso, há obras que se em uma primeira camada propõem algo novo, um olhar mais atento ver nelas o esqueleto de ideias que em uma primeira cada a obra parece negar.

Um exemplo disso é a obra Duna, obra que tinha como plano de fundo o planeta Annakis, mundo deserto no qual potências ocupantes lutavam pela extração de uma especiaria muito valiosa. Duna narra a história de Paul Atreides e sua trajetória como libertador desse mundo habitado por povos do deserto, monstros gigantes e seitas religiosas.

A obra, para além das imagens de naves

espaciais, viagens através do espaço e oligarquias que governavam o universo, é repleta da visão América e em certa medida ocidental sobre o oriente médio.

Se por um lado Duna se pretende uma história sobre esse mundo daqui a 24 séculos no qual a terra não é mais habitada e grande parte da sua história se perdeu. Por outro, no filme, a ideia do salvador estrangeiro, as imagens das naves enfileiradas diante de uma população que grita por um libertador parecem apontar muito mais para a maneira que os americanos veem o oriente médio pós-invasão do Iraque do que propriamente uma narrativa sobre o futuro. A visão do oriente médio como esse lugar da falta e que só existe na condição de seita, exótico ou de campo de exploração.

Não é que não haja mundo possível para além do nosso campo de visão, mas justamente o contrário, é necessário reinventar o campo de visão. Pensar o futuro para além das nossas categorias atuais, que se mostram ineficazes. Pensar para além de utopia ou distopia é também pensar em novas narrativas que deem do nosso momento.

Para além do ideal inalcançável de paraíso e das visões catastróficas de inferno. E para esse mundo, para além da nossa aldeia, é necessário um outro roteiro. Na necessidade da construção do mundo não só do futuro, mas também de agora, é onde reside a nossa mais forte utopia. Assim como nas histórias de pessach, não reside num futuro terrível ou maravilhoso. Mas no ato de marchar agora diante de um deserto de indefinições, necessidades e angústia. Nesse momento entre mundos no qual tudo o que temos a nós apegarmos é a esperança de momentos melhores, mas que sem o refazer é reconstruir do agora, não serão nada além de uma ideia.

Ojalá que seja feliz a nossa narrativa, num mundo no qual não seremos mais o que éramos e existem tantas possibilidades quanto sarças queimando no deserto.

CRÍTICA

Os afetos no fim do mundo

Nico Hirata

Nico Hirata nasceu e cresceu no interior de São Paulo, na cidade de São José dos Campos. Graduiu-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. É advogada especializada em regulação de saúde e propriedade intelectual. É escritora e colunista da revista O Odisseu. "Essas Malditas Árvores" é o seu romance de estreia.



Em um almoço entre amigos, alguém soltou na mesa um comentário relacionado aos avanços da medicina, sugerindo que, atualmente, a tendência é de que as pessoas vivam cada vez mais. Essa perspectiva assustadora gerou um debate nada acalorado sobre os aspectos positivos e negativos da longevidade, e que se encerrou com um comentário triste — embora sensato — no sentido de que viver mais só será bom “se sua vida não for uma merda”.

Eu não tenho o dado sobre o sentimento geral dos mais jovens em relação à longevidade, mas, tendo vinte e seis anos, eu mesma não tenho a segurança de que, aos sessenta, o mundo ainda será habitável — ou ainda, habitável para todos.

Não descarto a ideia de ver, em vida, lagos e rios que conheço secarem completamente, cidades que conheço serem tomadas por enchentes, pessoas que conheço terem suas casas arruinadas por alagamentos ou incêndios. Da mesma forma, também não descarto a ideia de que tudo isso possa acontecer comigo e com você.

Se algum dia já tivemos a segurança de conhecer o mundo no qual deixaríamos nossos filhos e netos, hoje ela se dissipou, e o que resta pela frente são várias variantes de fins do mundo possíveis — a não ser que alguém aqui acredite que, sendo quem somos, vamos conseguir fugir dos clichês do aceleracionismo, do individualismo, do autoritarismo, da resistência apaixonada e da militância cabisbaixa.

Por tratar de futuros que o imaginário comum não alcança, as mudanças climáticas são um prato cheio para a literatura. É difícil pensar



A escritora japonesa Yoko Tawada
Foto: Nina Subin

como será o mundo nos próximos séculos sem abordar, mesmo que tangencialmente, o enfrentamento da crise climática e suas diversas consequências político-sociais. Ao mesmo tempo, ao traçar contornos para imaginar como tudo será daqui para frente, a literatura também pode ter um papel terapêutico, porque consegue contar histórias em que a Terra se degrada, mas sem explodir, e em que a humanidade se reinventa para não entrar em extinção.

Em “As últimas crianças de Tóquio”, a escritora japonesa Yoko Tawada nos

nos insere, sem muitas explicações, em um Japão do futuro com trejeitos do passado. O livro conta a saga de Yoshirô, um renomado escritor que vive em um lar temporário em Tóquio, na tentativa de proporcionar uma vida segura e tranquila para Mumei, seu bisneto. Na Tóquio do livro, por razões que não entendemos muito bem, os idosos, como Yoshirô, mostram-se adaptados ao mundo hostil e poluído em que vivem, chegando tranquilamente a cem ou duzentos anos, enquanto os mais jovens, como Mumei, estão completamente desajustados à nova realidade, padecendo de febres constantes, deficiência de cálcio, ossos frágeis e inúmeras intolerâncias a alimentos.

O afeto de Yoshirô pelo neto e a ingênua sabedoria de Mumei nos fazem sentir que este mundo pós-apocalíptico não é de todo desconhecido. Os dias simples que Yoshirô passa com Mumei, conversando com ele sobre os animais que um dia existiram no planeta Terra, como tartarugas-marinhas e elefantes, bem como ajudando o bisneto a ir para a escola de bicicleta e a experimentar novos alimentos, nos fazem

CRÍTICA

esquecer, por breves momentos, que aquele Japão está tomado por políticas autoritárias e imprevisíveis, que prendem antes de perguntar, e que impuseram o isolamento completo do país em relação ao restante do mundo.

Embora haja algumas sugestões de que as razões para o isolamento não foram somente políticas — em determinada passagem, é revelado que a terra pode ter se transformado geologicamente, por conta de um grande terremoto que teria criado fendas marinhas profundas e que afastaram fisicamente o Japão do continente —, nas breves passagens em que a política de portas-fechadas nos é explicada, aprendemos que, diante dos enormes níveis de poluição e escassez de alimentos, cada país ficou encarregado de resolver o próprio problema, extinguindo qualquer tipo de imigração e intercâmbio cultural.

No Brasil, pouco se aprende sobre a história do Japão antes das duas grandes guerras e da imigração japonesa, mas fato é que o Japão já passou por um longo período de isolamento político-econômico em relação ao restante do mundo, sobretudo o mundo ocidentalizado. Esse período, que se encerrou somente na metade do século XIX, era chamado de Período Edo, e é referenciado diversas vezes na estranha distopia de Tawada.

Parece ser muita informação para um livro curto, e é mesmo. A arte aqui está em introduzir na história mais estranhamentos do que o nosso cérebro é capaz de assimilar, mas sem parecer delirante.

Em uma passagem, por exemplo, Yoshirô percebe o quão equivocado estava ao ensinar ao neto Tomo que deveria investir em terrenos na região nobre de Tóquio, movido pela crença de que não haveria nada mais confiável do que bens imobiliários. Diante da sua imortalidade, Yoshirô acaba constatando que aquilo que sempre se aplicou para o passado já não se sustentava na prática, dado que, com a degradação ambiental dos espaços urbanos, a área nobre de Tóquio se tornou uma zona na qual residir longamente poderia trazer riscos à saúde, razão pela qual todos os imóveis simplesmente desvalorizaram.

Ao ler essa passagem, fui imediatamente remetida a um artigo publicado no mês passado na revista *The Economist* que fazia referência à crise do mercado imobiliário, que paira sobre todos nós, em razão das áreas potencialmente afetadas por desastres climáticos. Obviamente, ao ler o artigo, publicado poucas semanas antes das fortes chuvas no sul do país, não conseguimos deixar de pensar nas diversas pessoas que tiveram suas vidas viradas do avesso e que também podem ter

perdido suas residências, em razão das enchentes que acometeram o estado do Rio Grande do Sul.

Por meio dessas extrapolações trágicas, mas perfeitamente possíveis, a autora dá um salto para uma distopia próxima, que é a consequência das nossas escolhas, e que remetem o tempo todo a políticas implementadas no passado ou no presente, confirmando a crença marxista de que “a história se repete, primeiro como tragédia, depois como farsa”.

O palco dos afetos se intensifica por essa distorção do que o bisavô e o bisneto entendem como tempo. Para Yoshirô, o sofrimento decorre da perspectiva de uma vida infinita e solitária — “Quando criança, acreditava que o objetivo último da medicina era desenvolver um corpo imortal e eterno, mas nunca pensara sobre a agonia da impossibilidade de morrer” —, enquanto que, para Mumei, a felicidade decorre da possibilidade de viver mais um dia, aprender coisas novas e se divertir, já que não é esperado que ele viva para além de seus quinze anos — “Enquanto para Yoshirô as manhãs vinham inundadas de preocupação, para Mumei elas chegavam cheias de diversão e frescor”.

Sem contar a excentricidade refrescante da escrita de Tawada, a grande beleza da obra reside no fato de que tanto Yoshirô quanto Mumei nos fazem pensar na única pergunta que realmente importa quando somos confrontados pelo medo de uma longevidade sem sentido em uma sociedade que caminha em direção ao colapso: com quem você quer estar no fim do mundo?

Referências:

TAWADA, Yoko. As últimas crianças de Tóquio. Tradução de Satomi Takano Kitahara. São Paulo: Todavia, 2017.

The Economist. Global warming is coming for your home. The Economist, Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2024/04/11/global-warming-is-coming-for-your-home>, Acesso em: 13 Abr. 2024.

FICÇÃO

Nobre Descortesia

Pedro Henrique Rodrigues

Neurocientista, mestre e doutor pela Universidade de São Paulo (USP). Ficcionista e colunista da revista O Odisseu.



O Jantar. Jean-Baptiste Debret (1768–1848)

Pois deixe estar, Mariana. Deixe estar. O que é do diabo ele sempre há de buscar de volta. Se há. Veja só: onde já se viu dizer que eu dou uma ajudazinha em casa. Ajudazinha o escambau que eu faço tudo naquela porcaria de casa. Acordo antes do Sol e já me ponho em alarde para fazer o bendito café da manhã: pães, bolos, sucos e embutidos todos postos na mesa com talheres, pratos, copos e toalhas devidamente organizados. Os pães devem estar frescos e saborosos. O bolo como se tivesse recém-saído do forno. O suco com sabor de fruta recém colhida do pé. Os embutidos como se fossem ser televisionados. Tudo aquilo lindo e maravilhoso, perfumoso de dar água na boca. Muitas vezes, na correria de deixar tudo pronto, nem café eu tomo: o estômago vazio passa a sonhar com aquele banquete que jamais devo tocar. Nunca ofereceram uma fatia de pão, a não ser que já estivesse com partes emboloradas. Malditos. Eu sirvo pra fazer e servir o pão, mas não pra comer, a não ser que esteja quase indo pro lixo? Nojentos eles. Esses dias, a patroa disse que eu estava com as ancas largas, com a face vistosa.

Afinal, empregada tem que ter cara de defunta de tanto trabalhar por nada. Mas esse prazer eu não dou. Eu sou, dentro do possível, menos infeliz que aquele filho do capeta. Dona Má-riana que eu chamo. Filha de Luci. Mulher infernal. Semana passada ela gritou comigo porque não achava uma maldita maquiagem que estava perdida no carro. Pediu desculpas? Não pediu desculpas, falando depois da gritaria como se nada tivesse acontecido. Arrogante. O engraçado é que na frente de todo mundo ela esbanja educação e simpatia. Olha como ela sabe conversar, como ela é compreensiva, como é sabida do que é bom. E só não ter plateia, os olhos amarelam, a corcunda aparece, o cabelo desidrata e a voz se torna estridente a esbravejar pelos motivos mais bestas. Outra vez foi sapato que eu guardei e não era para guardar. O berro foi na frente de outros empregados da fazenda. Outra foi quando o marido foi nadar e o relógio caro ficou dentro d'água. O berreiro foi na frente das visitas. Numa delas, os cachorros brigaram e se machucaram. Pronto, a culpa foi toda minha, mesmo eu estando de folga no domingo. Ela queria que eu tivesse escutado os latidos mesmo morando numa

FICÇÃO

casa a quilômetros de distância e viesse separar briga de 10 cachorros sozinha. Pois me ligou e eu atendi com ela praguejando e humilhando. Confesso que chorei. Tem dias que você simplesmente não aguenta. No resto dos dias, você apenas suporta. Mesmo agora, por exemplo, limpando o sórdido vaso sanitário que ela e o esposo não se dão nem ao trabalho de apertar a descarga. Eu falo que não são humanos: o que tem no vaso eu nunca vi na minha vida. Uma cor, um cheiro, uma demora pra ir embora. Parece que tem espírito próprio. Se eu falar as palavras certas, tomam pernas e saem a engolir as almas humanas dessa fazenda. E pense que só usam o banheiro deles? Não, usam o das empregadas também, fazendo o grande favor de deixar todo o cheiro maltrapilho pelo ambiente. Já não lembro quantas vezes corri até o matagal: era preferível levar picada de cobra que aturar aquela desumanidade. Irrita demais a conversa deles na mesa de café, como se a riqueza financeira se traduzisse em importância para a nossa sociedade. Ora pois, soubemos que ele administrava grandes fortunas. Grande maioria de fortunas herdadas e um mínimo de fortunas que foram construídas e unidas a fortunas herdadas. Até a fatídica conversa do ano retrasado, eu ficava embasbacada com os muito ricos. Eu achava eles criaturas tocadas diretamente pela benção divina. Claro que não concordava com tudo: só aguentava os arrombos porque precisava do trabalho. Outro dia, na fila no postinho, uma mulher disse que jamais aceitaria esse tipo de trabalho, que eu era louca de aceitar. Quem disse que eu aceitava? Era o que tinha. Ela tinha estudo, apoio dos pais, assim como o marido. Ela não era esperta ou tinha amor próprio o suficiente para dizer que não aceitava: ela simplesmente não precisava. Mas era muito pouco com o que eu não concordava: a verdade era que eu admirava. Eles realmente devem ser muito especiais para terem tanto e eu não ter nada. Não tive pai, não tive mãe, não tive quem cedesse a mão, não tive nada nem ninguém. Deve ser pagamento de dívida de vidas passadas. Devo ter sido uma pessoa muito má para merecer a vida que tenho hoje. Era o que eu pensava até então. Pensava até naquele jantar de mau gosto que fizeram para recepcionar um diplomata de não sei de onde. O diplomata em si nem lembro quem era, pois ele veio e foi embora sem causar qualquer tipo de problema. Mas a dona Mariana causou mais problemas do que o normal. Na semana anterior ao jantar, ela viajou até São Paulo para comprar vinhos e queijos em uma loja específica e extremamente cara. Para poder organizar e transportar tudo com cuidado, me levou junto. Durante a viagem, ela começou a reclamar que a fazenda estava dando muitos

gastos. Uma multimilionária reclamando com uma pobre coitada, como ela costumava me chamar, sobre os gastos supérfluos na sua fazenda de estimação multimilionária? Pois foram milhares de reais em terra e trator para manter os caminhos da fazenda sempre retos e bonitos. Milhares de reais com uma engenheira agrícola especialista em técnicas biodinâmicas para o cultivo de café. Milhares de reais com combustível para tratores, picapes, caminhonetes. Milhões de reais para a construção de um açude. Milhares de reais para o transplante de palmeiras exóticas. Milhares. Milhões. Milhares. Milhões. Como a viagem duraria 4 horas só de ida, eu só estava aguardando aquele momento. E ele chegou: como que pode salário de empregado ser tão caro? Um absurdo. Metade do custo é só imposto! Um absurdo! Eu não tiro a razão dela. Realmente, são muitos impostos que sabemos que irão desaparecer dos cofres públicos. Por outro lado, ela estava reclamando que eu era um custo alto, sendo que trabalhava na casa, no jardim, no escritório e em eventos da fazenda, além de aceitar os berreiros humilhantes que não raramente me faziam chorar e odiar a vida. Eu só concordava com murmúrios e acenos afirmativos de cabeça. O meu salário, que servia apenas para comer e comprar roupa, sem qualquer chance de obter moradia própria e resguardar um futuro melhor, era uma dor de cabeça para ela! Tudo isso se dissipou assim que entramos na loja. A atenção dela se voltou toda para os muitos queijos e muitos vinhos disponíveis. Caixas e mais caixas. As caixas chegavam do estoque e eu transportava e organizava na caminhonete, que ficou lotada de queijos e vinhos. Quando foi pagar, eram várias vezes o valor do meu salário, quase um ano de salário da pobre coitada em queijos e vinhos. Um valor razoável para queijos e vinhos de tamanha qualidade, segundo ela. Eu não gostei disso. Engoli em seco. Entrei na caminhonete, ela colocou três caixas pesadas sobre o meu colo e lá se foram mais 4 horas de volta. Sem água ou banheiro e com aquele peso enorme que tinha que cuidar pois as caixas eram valiosas. Ao chegar à fazenda, já escuro, tive que retirar e organizar todas as caixas cuidadosamente, para que nenhum queijo fosse amassado ou garrafa de vinho quebrada. Enquanto tomava banho, fiquei encarando as marcas roxas que as caixas deixaram na minha perna. Eu nem tinha forças para chorar. Eu só gostaria de ter dado um grande soco na cara da Mariana.

Na manhã seguinte, cheguei até a casa e ela estava histérica. O café não está pronto! Precisa retirar tudo das caixas! Precisa limpar a casa! Será que eu vou ter que fazer tudo isso? Para que eu pago empregada? Se for para eu fazer eu não vou pagar empregada! Vai arrumar o café! Troque os lençóis! Limpe a casa! Arrume os queijos! Guarde os vinhos! E

FICÇÃO

E nem eram 7 horas da manhã. Fiz o café. Mesa posta. Troquei a roupa de cama dos 16 quartos e coloquei a roupa antiga para lavar. Limpei e encerei todo o piso de madeira, que ela insistia em não esperar secar a cera para poder pisar. Comecei a limpar os vidros. Escuto o berreiro de novo: cadê o almoço? Por que ainda está limpando vidro? O que fica fazendo que o serviço não termina? Precisa parar de assistir televisão e começar a entender a vida real. Você está confundindo a vida que tem. Em poucos dias chega o embaixador e essa casa não está limpa. Chamem a Simone para ajudar! Simone foi a contragosto e foi embora da casa naquele dia chorando. E voltou na semana seguinte para ajudar com o jantar do embaixador. Cinco filhos pequenos para alimentar, como ela diria não?

No dia do jantar do embaixador, enquanto caminhava até a casa, no meio da escuridão, eu pedi ao Universo que, fosse o que fosse o motivo dessa minha vida, que ele me ajudasse naquele dia. Eu pedi que ele segurasse a minha mão e a minha boca, de tal maneira a impedir que sáísse qualquer gesto ou palavra que pudessem justificar a minha demissão. Durante todo o trajeto eu orei e pedi. Eu ia precisar ser muito forte naquele dia. Eu estava com tanto pavor que trabalhei anestesiada. Conforme os visitantes iam chegando, a atenção de Mariana passava cada vez mais longe de minha pessoa. Assim, anestesiada e sem interagir com a dona da casa, o dia passou. Uma equipe de decoração ficou responsável por deixar o ambiente preparado para a ocasião. Uma equipe de cozinha tomou conta da cozinha desde cedo para preparar o jantar. Também ficaram responsáveis pelo café da manhã, almoço e café da tarde, permitindo que eu ficasse confinada nos quartos e salas da casa. Uma outra equipe de serviços chegou no final da tarde e fui informada que poderia ir embora: eles iriam servir os convidados. Eu fiquei sinceramente agradecida. O Universo tinha atendido às minhas preces. Cheguei em casa e coloquei a roupa acumulada no cesto na máquina de lavar, comecei a faxinar os cômodos e preparar o jantar. Estava com o espírito em paz. O Universo realmente tinha atendido às minhas preces. Era o que eu pensava e agradecia até que o telefone tocou e era ela: venha até a casa, precisamos de você aqui! Gelei. O que será que aconteceu que mesmo com todas aquelas equipes eles precisam de mim a essa hora da noite? No caminho até a casa, assim como tinha feito na manhã daquele dia, implorei novamente ao Universo por compaixão. Novamente no escuro, dessa vez eu me ajoelhei e pedi: que seja rápido! Querida, desculpe ter te chamado no meio da noite. Eu preciso que você indique a um dos moços do vinho quais são os que devem ser servidos e

quais são da coleção da casa. Você pode ir com ele, por favor? Claro que eu posso. Um dos trabalhadores da fazenda sempre disse que nós temos a cara do sofrimento e as pessoas enxergam isso. O rapaz que desceu comigo para a adega deve ter percebido isso. A senhora sabe quem são essas pessoas? - perguntou o moço do vinho quando chegamos à adega. Acenei que não com a cabeça. Não imaginava que ele fosse conversar comigo. Pois então, o careca sentado do lado do seu patrão é o embaixador. Trabalho na equipe pessoal dele que cuida do que ele come e veste. Convivendo com ele, convivi com vários outros iguais. Vou te dizer algo: não fique com medo deles. Nem admire eles. Eles sangram igual eu e você. A diferença é que tiveram mais sorte nessa vida. Sabe por que? O embaixador, por exemplo, é filho e neto de senadores no Maranhão. Nunca lavou um prato na vida. A esposa é filha e neta de família de empresários da Bahia. Foi criada para fazer um bom casamento e manter o alto nível da família. O casamento serve a esse propósito de aparências. Todo mundo sabe dos amantes dela. A de vestido vermelho, é amiga da esposa do embaixador. Família de donos de hospitais particulares. Casou com um alemão, que está do lado dela. Ambos ocupam cargos importantes sem ocupar de fato, entende? Sabe aquele moço de terno azul bem clarinho? Neto do vice-presidente da República. O pai é empresário no Sul do Brasil. Está se decidindo entre a empresa, a política ou os dois por pressão dos pais. Tem problema sério com álcool e drogas que a família lida sem saber lidar. Aquele mulher de vestido amarelo com muitas joias? Herdeira de uma fábrica de eletrodomésticos no Paraná. Tem transtornos psicológicos sérios que a família tenta esconder. Esses que te contei são os que conheço melhor, mas dá pra ver que todo mundo tem empresa grande e parente político poderoso, sem contar que vem de família muito importante. Já saiu até fofoca que o diplomata vem de linhagem lá de quando o Brasil começou a ser colonizado. Aquele brasão na roupa dele, ele diz que vem disso. Sabe o que é engraçado? Que nenhum deles chegou onde chegou por esforço: tudo foi por causa da família que nasceram. Para você ter uma ideia, o diplomata só fala português direito. Como um diplomata só fala o idioma nativo? Assim como a gente está onde está por causa da família que nascemos, eles estão onde estão por causa disso também. Sempre tem conversa de que a empresa de alguém não está bem e alguém libera socorro com dinheiro do povo através dos contatos políticos. No último jantar, estavam reclamando que as universidades brasileiras estão com muitos filhos pobres, que algo precisava ser feito. Ou seja, desde sempre o rico fica mais rico e o pobre mais pobre pois o rico faz por onde para explorar o mais pobre. E eles falam isso na minha frente sem qualquer receio pois tem a crença inabalável que jamais sairei de onde

FICÇÃO

estou. Mal sabe ele que entrei na universidade ano passado e que semestre que vem começo meu primeiro trabalho na área. Então não sinta medo nem admiração por eles: eles estão lá por pura sorte e maldade ao explorar a gente. Fica em paz. Confesso que naquele momento, eu não entendi muito bem o que ele quis dizer. Até estranhei ele falar aquelas coisas. Eu ainda estava anestesiada. Não só dos últimos dias mas da vida em geral. Só que aquelas palavras ficaram na mente, crescendo dia após dias. Comecei a entender o sentimento de raiva e desprezo. Então eu não estava pagando por erros meus de vidas passadas? Eles tiveram sorte e usam e abusam da gente para manter a sorte? Será que o peso na consciência de Mariana reverbera através dos berreiros? Por que não conseguimos fazer nada para mudar? Há alguns meses, na fila do postinho, uma mãe me explicava que o filho estava obcecado com uma série de livros que estava se transformando em filmes recordista de bilheteria. Basicamente, a sociedade era dividida em um grupo extremamente pequeno que detinha quase toda a riqueza produzida com exploração do trabalho da massa, utilizando toda sua influência política e forças policiais para conter qualquer mudança social. No distrito dos ricos, festas exuberantes e constantes com vestidos de moda incríveis acontecem o tempo todo, enquanto nos outros distritos pessoas morriam de fome, exaustão ou de violência policial há gerações. Fico horrorizada que as crianças gostem disso-disse ela. Já pensou se fosse verdade, que horror?

Cena do filme "Que horas ela volta", de Anna Muylaerte (2015)



CRÔNICA

Ficção distópica ou assustadora realidade

Luciana Konradt

Jornalista e advogada. cursou Magistério no Colégio Anglicano Santa Margarida e Francês no Instituto de Letras e Artes da UFPel. Formada em Comunicação Social e Direito pelas Universidades Católica e Federal de Pelotas. É autora de "Bordados do Tempo" (2021) e "Boiada de Elefantes" (2022). Escreve para o Jornal Popular, de Pelotas e é colunista da revista O Odisseu



Na escuridão, em meio a neblina fria que desaba sobre a cidade submersa, o vulto coberto por uma capa preta, rema com cuidado. Desvia os obstáculos do caminho e segue a correnteza, entre escombros e o lixo que flutua nas águas turvas. No doloroso silêncio do cenário fantasma, ouve-se apenas o movimento das ondas formadas pelo remo de madeira. No ar fétido, o cheiro da morte. De tempos em tempos, o homem ergue-se e olha atentamente para os todos os lados, na busca de algum sinal de vida.

A imagem poderia muito bem ser a descrição de Caronte, o mítico personagem responsável por transportar as almas ao Hades, na mitologia grega. Talvez, a reprodução do trecho de um livro ou filme sobre uma realidade distópica, na qual cidades inteiras seriam inabitáveis, após inundações extremas. Mas não. A cena descrita acima não faz parte do imaginário. Repetiu-se, incontáveis vezes, em maio desse ano, na noite de Porto Alegre e das cidades gaúchas atingidas pelas enchentes, onde policiais, bombeiros e voluntários usaram barcos, dia e noite, em arriscadas operações de resgate. Em atos de coragem que salvaram milhares de pessoas e animais.

Há algum tempo, por toda a parte, nas conversas sobre as mudanças climáticas extremas, ouço cada vez mais a referência ao "novo normal". Embora possa ser apenas uma expressão, repetida mecanicamente, a ideia de uma nova normalidade catastrófica, quando se fala do clima na Terra é assustadora. Primeiro porque, a humanidade, na forma como lida com o planeta, parece esquecer que ele, por enquanto, é nosso único lar. Segundo, porque essa expressão carrega em si uma dose de passividade preocupante.



Arte de Cristiane Alvarenga
(@abstratas_cristianealvarenga)

Conforme dados veiculados no site TecMundo, um grupo de cientistas de vários países, chefiado pela Universidade de Copenhague, revisou estudo de 2009, que estabelecia a lista de "limites planetários". Ou seja, "pontos cruciais" a partir dos quais a vida humana, na terra, seria impraticável. Nessa revisão, ao atualizar os dados, os estudiosos concluíram que seis, dentre os nove pontos limítrofes, já foram atingidos. Estamos, portanto, no limiar do que seria a zona de extermínio, por falta de condições de habitabilidade, de nossa e das demais espécies vivas por aqui.

Estudos como esse não

são novos. Há muito, o mundo científico alerta governos e instituições dos riscos da ação humana desordenada sobre a natureza. Reuniões são feitas com regularidade. Conferências internacionais, como, por exemplo, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), celebram tratados e convenções. Leis incentivam o uso racional de recursos naturais e a reciclagem, além de outras ações. Tudo isso, porém, parece sempre pouco se comparado à velocidade com que os efeitos dramáticos do aquecimento global mostram nossa fragilidade diante do clima e sua força destruidora. Ainda somos uma civilização pouco "civilizada", que gasta sua energia e seus recursos em armas e guerras entre quintais.

Como já alertava o físico Stephen Hawking, "estamos agindo com indiferença temerária em relação ao futuro na Terra". E completava, para afirmar: "temos tecnologia. Só precisamos de vontade política". O que significa, sobretudo, a necessidade urgente de união, de todos os povos, contra um inimigo comum e sua capacidade de extinguir a vida como conhecemos. Só esquecendo conflitos internos e somando esforços internacionais imediatos e efetivos para minimizar os efeitos de nossa própria imprudência, seremos capazes de sobreviver como espécie. Ou nos afogaremos, vítimas da ignorância, como os dois marinheiros que, lutando entre si, não percebem o barco afundar.

CRÔNICA

O abrigo, Seu João e eu

Heloisa Stefan

Licenciada em Letras pela UFPEL e doutora em letras pela PUCRS. É preparadora/revisora de textos e supervisora editorial.



Coração dói. Poucas vezes na minha vida senti essa dor física no coração. Desde o dia 04 de maio, sinto meu coração despedaçado, o que não é um milésimo do que sentem as pessoas que tiveram que sair de seus lares.

Logo nos primeiros dias dessa tragédia, passei a trabalhar em um dos nossos abrigos municipais. Eu, acostumada a estar diretamente com crianças e adolescentes, me deparei com uma diversidade de pessoas. Prometi a mim mesma que faria tudo por eles, até o fim.

E no meio dessa centena de pessoas, conheci Seu João, o responsável por fazer meu coração parar de doer por alguns momentos. Seu João tem 85 anos, o que representa o dobro da minha idade, e é morador de um dos bairros mais atingidos de nossa cidade. Para mim, ele carrega em si todo um simbolismo. Ele se parece com meu avô, que se foi há mais de 15 anos. Olho para Seu João e a imagem de Seu Té, meu avô, sempre me vem à mente. Senhor franzino, com uma docilidade única e muitas histórias para contar...

Acabei me aproximando de Seu João ao acaso. Um dia, o vi com os olhos cheios d'água e de prontidão agarrei a sua mão para chorarmos juntos. Estávamos nós ali, um tentando fazer o coração do outro parar de doer. Não consigo mensurar o tamanho da dor que ele sente, mas sou capaz de entendê-lo. Ele está longe de parte de sua família, o que também não deve ser fácil.

Desde esse dia, minha rotina tem sido diária: chegar e ir ver Seu João, saber se está bem, se não passou frio, se sua neta de quatro patas está bem. Ele segura minha mão, me dá um beijo no rosto e diz que "sou a coisa mais querida".



Foto de Heloisa Stefan

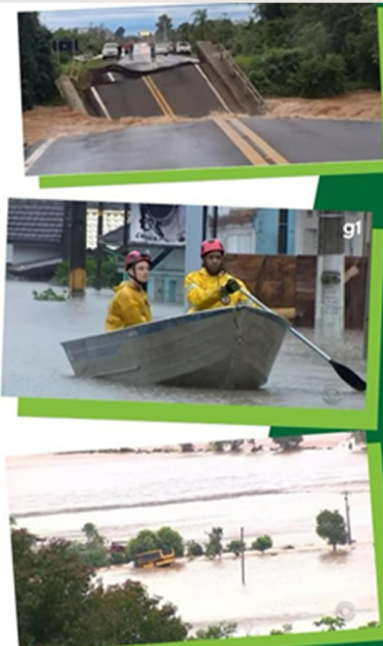
Num desses dias, me disse que gostava muito de jogar damas e me perguntou se eu poderia levar um tabuleiro a ele. Demorei um dia para levar, e ele seguiu cobrando minha promessa. Então, numa quinta chuvosa, lá estava eu com seu jogo favorito. Mas ele não queria só o jogo, queria a minha companhia. Cheguei e ele me perguntou se eu gostava de bolacha doce ou salgada. Respondi que era indiferente. Ele foi receber seu lanche da tarde, comeu o pão, mas guardou as bolachas para mim. Na hora combinada para jogarmos, a mesa estava pronta: do meu lado, uma cadeira vazia e o pacote de bolachas. Fez questão que eu comesse. Não faria essa desfeita a quem

lembrou de mim com tanto carinho. Começamos a primeira partida, e eu venci. Ele só dizia: "Tu de boba não tem nada, hein". Entretanto, o jogo virou, e seu João mostrou-se muito habilidoso no jogo. A cada boa jogada que fazia, abria um sorriso imenso. E no meio desse jogo, ele foi me contando sobre sua vida, sobre sua família e sobre o que espera daqui para a frente. Disse que estava pronto para recomeçar. Seu João, com 85 anos, sente-se preparado para o recomeço, mesmo sabendo das dificuldades.

Seu João não faz ideia do bem que me faz. E não faz ideia de como ficou meu coração quando disse que, quando isso tudo acabar, não quer se distanciar. Minha rotina no abrigo mudou. Agora tenho o compromisso de jogar damas com Seu João enquanto ele estiver lá. Sinto-me preparada para ver Seu João partir para seu lar. É realmente isso que desejo, mas que o destino me permita segurar na sua mão e jogar damas por muitas vezes.

Ao meu avô, que dia 24 de maio faria 100 anos, deixo aqui minha homenagem e meu agradecimento por ter feito parte da minha vida. Sentar e ouvir as histórias de Seu João, sem pressa de sair para fazer outra coisa, permite-me essa reconexão com minha própria ancestralidade.

As mãos de Seu João mostram a passagem dos anos. Seu coração tão doce me ensina todos os dias a ser uma pessoa melhor.



Campanha
SOS
Enchentes RS

FAÇA SUA DOAÇÃO:

PIX:
01.285.730.0017-06

Caixa Econômica Federal
(104) Agência: 0428 |
Operação: 003
00000734-1





**Ajude o
jornalismo
literário
independente
e com
compromisso
com a crítica
literária a
partir de R\$ 5**

A revista O Odisseu é um projeto que há três anos reúne mais de 40 voluntários de todo o país para que você possa ter, gratuitamente, um conteúdo de qualidade sobre crítica literária. Faz parte do nosso sonho impulsionar a transformação da sociedade por meio dos livros e da literatura. E você pode nos ajudar nessa missão!

Conheça nossa campanha de financiamento coletivo no
Apoia-se e apoie com valores a partir de R\$ 5!



Doe QUALQUER VALOR por meio do PIX (Qr Code abaixo)
Chave: revistaoodisseu@gmail.com
Ewerton Cardoso Morais





Caderno 2

A Odisseia

Coluna "Ensaio"

Sujeitos de Si

A AUTOFICÇÃO COMO ENGENHARIA DO EU EM DRAMATURGIAS
LGBTQIAPN+ NA CENA CONTEMPORÂNEA**Denni Sales**Ator, diretor e dramaturgo. Mestrando (PPGAC-UFBA), com formação em filosofia (UFAM).
Assina a coluna "Ensaio" na revista O Odisseu.

O ator e dramaturgo Leonardo Netto durante a apresentação da peça "3 maneiras de tocar no assunto"
Foto: Dalton Valério

Serge Doubrovsky, escritor e teórico literário francês, acreditava que vida real e ficção estão intrinsecamente ligadas, tornando impossível contar uma história verdadeira sem elementos fictícios. Ele cunhou o termo "autoficção", definindo-o como uma mistura de autobiografia e ficção, onde autor, narrador e personagem compartilham a mesma identidade, criando uma obra que oscila entre verdade factual e criação literária.

Nos últimos anos, a dramaturgia brasileira tem utilizado a autoficção para dar voz a identidades e temas anteriormente silenciados, com destaque para as abordagens de narrativas LGBTQIAPN+. Esse movimento tem trazido para o centro da discussão questões sobre diversidade, sexualidade e preconceitos enraizados socialmente, promovendo reflexões profundas sobre identidade, diversidade e inclusão. O teatro contemporâneo brasileiro tem reverberado a fusão de arte e ativismo, produzindo diálogos necessários para entendermos as dimensões e complexidades das experiências LGBTQIAPN+ na sociedade.

FICÇÃO BASEADA NA REALIDADE

Desde abril de 2024, o espetáculo "3 Maneiras de Tocar no Assunto" tem percorrido o norte e nordeste do Brasil, incluindo apresentações na Sala do Coro do Teatro Castro Alves (TCA) em Salvador. Este solo do ator e dramaturgo Leonardo Netto, dirigido por Fabiano Dadado de Freitas, utiliza práticas autoficcionais para abordar homofobia, bullying e a luta por direitos LGBTQIAPN+. A narrativa alterna entre denúncia, conversa e discurso político, proporcionando uma experiência teatral intensa e provocadora.

Em "Teorias da Autoficção", Anna Faedrich afirma que a combinação de realidade e ficção não é exclusiva da autoficção, mas também ocorre em narrativas híbridas, como romances históricos e autobiográficos. A diferença está na abordagem: a autoficção abole os limites entre real e ficcional, provocando e confundindo o leitor, o que é um dos principais objetivos do processo de ficcionalização do eu.

"3 maneiras de tocar no assunto", dividido em três partes, utiliza a ficcionalização do real como prática, abordando em sua dramaturgia temas complexos e significativos para pessoas LGBTQTS. Entre eles, Netto explora dolorosas memórias de homofobia "recreativa" no ambiente escolar, baseando-se em relatos reais. Leonardo também escreveu peças como "Para os que estão em

Coluna "Ensaio"

em casa" (2014) e "A Ordem Natural das Coisas" (2018). Sobre o uso da autoficção no teatro para abordar temáticas LGBTQIAPN+, Fabiano comenta: "Nos últimos anos, mudou a figura de quem narra, e isso modifica absolutamente o que é narrado. Autores e autoras LGBTQIAPN+ começaram a produzir a partir de suas próprias vivências". O diretor destaca que essas dramaturgias do eu têm ganhado mais espaço, modificando a visão e as abordagens de personagens LGBTQIAPN+. "Acredito que há uma mudança significativa quando a voz que narra vem diretamente das experiências desses corpos, emergindo por causa das urgências de se narrar em primeira pessoa", afirmou Fabiano.

"3 Maneiras de Tocar no Assunto" dissecas as consequências do bullying e da homofobia, expondo cicatrizes e questionando a passividade da sociedade. "Aqui, há menos autoficção e mais ficção, embora os fatos venham de contextos reais e documentais, com um trabalho de autoficcionar esses relatos", afirma Dadado.

Através da atuação de Leonardo Netto, presenciamos a transformação da dor em conscientização, destacando a urgência de combater a homofobia desde a infância. O solo também leva o público aos eventos da revolta de Stonewall em 1969, nos Estados Unidos. Assumindo a voz de um dos envolvidos, Netto narra o nascimento do movimento pelos direitos LGBTQIA+ com paixão e precisão. "Pensamos na urgência de trazer essas vozes agora, com o sujeito falando por si mesmo, não pelo olhar do outro", destaca Netto. Ele observa que dramaturgias LGBTs na perspectiva da autoficção se aproximam do biodrama: "A autoficção permite que, neste momento de urgência, os indivíduos deixem de ser objetos e se tornem sujeitos do discurso". Em uma das cenas, Leonardo imerge o espectador na atmosfera de resistência e coragem de Stonewall, destacando seu impacto na história da comunidade gay.

No ato final, Netto encarna um parlamentar inspirado em Jean Wyllys, conhecido por sua luta pela diversidade. A cena apresenta um discurso político contundente, baseado nos próprios discursos de Wyllys no congresso. É um chamado à ação, enfatizando a importância da representação política e do ativismo na conquista da igualdade e justiça.

Transformar experiências pessoais ou históricas em narrativas teatrais oferece ao público não apenas entretenimento, mas também uma plataforma para reflexão e mudança. "3 Maneiras de Tocar no Assunto" é um lembrete impactante da luta persistente contra a homofobia e da necessidade contínua de defender direitos LGBTQIAPN+. Ao desafiar o público frontalmente, o ator instiga cada espectador a assumir um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. O espetáculo transcende o teatro; é um manifesto de resistência e esperança, um convite para que todos se juntem à luta por um mundo livre de preconceitos e discriminações.

O PÚBLICO COMO CO-CRIADOR

No teatro com narrativas autobiográficas, dramaturgos e atores usam suas próprias vidas como matéria-prima para criar performances pessoais e inventivas. Nesse contexto, os limites entre o ator e o personagem se tornam difusos, permitindo uma investigação contínua da identidade. Explorar a si mesmo para a criação dramática e para a cena envolve um exame íntimo e reflexivo do "eu", acrescentando o elemento da performance ao vivo, que proporciona imediatismo e interação direta com o público.

"Museu do que Somos", uma obra do grupo teatral Corre (BA), surge das questões "Como é o seu museu? Qual peça o seu museu oculta?", desencadeando uma troca entre artistas e público que se transforma em uma experiência performática e imersiva. Cada apresentação é singular, convidando o público a participar ativamente como co-criador, em uma interação dinâmica entre



O ator e dramaturgo Leonardo Netto durante a apresentação da peça "3 maneiras de tocar no assunto"

Foto: Dalton Valério

Coluna "Ensaio"



Foto: Coletivo Corre / Divulgação

entre artistas e espectadores. A presença imaterial e corporal de pessoas LGBTQIAP+ é destacada na encenação. O espetáculo teve uma temporada em Salvador, em 2023, na Sala do Coro (TCA).

A produção mergulha na vivência dissidente de seus membros e nos diálogos com homens gays em rodas de conversa do projeto "Corre pra Sentir". A dramaturgia e a direção são de Luiz Antônio Sena Jr., que também faz parte do elenco, junto com Anderson Danttas, Muri Almeida e Rafael Brito. Rafael destaca que o grupo se formou em 2019 devido à necessidade individual de cada integrante de se ver representado em obras teatrais. Segundo ele, havia uma dicotomia entre não se identificar com as peças em cartaz e não ser convidado para trabalhos que proporcionassem essa identificação. "De certa forma, já estávamos nesse lugar de criar espetáculos que traziam nossas histórias, utilizando essas biografias para discutir outras temáticas que queríamos provocar", ressalta Rafael. A narrativa de "Museu do que Somos" adota uma perspectiva espiral no tempo, desafiando as narrativas normativas. A peça testemunha as histórias LGBTQIAPN+, negras, indígenas e do interior, colocando essas vozes no centro do palco.

Para o diretor Luiz Antônio Sena Jr., a concepção de autoficção ou de um teatro mais biográfico e documental varia conforme o termo utilizado. Ele enfatiza que abordar um teatro do real implica compreender a linha tênue entre a realidade e a ficção. Para Sena, a autoficção serve como um estímulo tanto para produções coletivas quanto para estruturas mais individuais. Ele menciona a ressonância trazida pela estrutura de linguagem da autoficção, que incorpora experiências biográficas: "Quando penso em um texto, procuro considerar o que se encaixa nesse corpo, o que se adapta a essa voz para trazer algo que pertença à sua identidade, algo que faça parte da sua narrativa".

PERSONAGEM-FREQUÊNCIA

Georgenes Isaac, diretor do Coletivo Das Liliths (BA), ativo há mais de oito anos em Salvador, adota uma abordagem chamada "Personagem-Frequência", que combina performance e teatro. Segundo Georgenes, essa abordagem utiliza os mecanismos da dramaturgia clássica aristotélica, promovendo um encontro entre as metodologias tradicionais e o potencial da performance em termos de presença e compromisso ético. Ele explica que o atuante não cria um personagem distante de si mesmo, mas sim uma "personagem-frequência" com um compromisso ético-social relacionado ao seu ponto de vista no mundo.

Os últimos três trabalhos do coletivo — "Xica", "Timbiras" e "Outras Fábulas Mágicas", que entrou em cartaz em 2024 — exploram intensamente a ideia da autoficção. O diretor destacou que essas obras se dedicam a explorar narrativas estrategicamente silenciadas e soterradas ao longo do tempo. "Para dar voz a essas histórias, é necessário um processo de ficção que exige um posicionamento tanto das atuantes quanto da direção, criando e recriando essas narrativas de forma única e pessoal, contadas à nossa maneira", disse Georgenes.

O trabalho do coletivo Das Liliths, parte de sua principal matéria-prima: seus corpos, identidades de gênero e os lugares que ocupam no mundo. Em "Xica", espetáculo de 2017, o grupo começou com um dado oficial, um trecho de uma denúncia encontrado na pesquisa do professor doutor Luiz Mott. Esse trecho é o único indício histórico de Xica, e o fato de ser um trecho associado à violência os convoca a pensar em Xica a partir de suas vivências como pessoas LGBTQ+, negras e nordestinas.

"METENDO A BOCA: UMA IMERSÃO PESSOAL"

A autoficção emerge cada vez mais como uma ferramenta poderosa, válvula de muitos disparadores para artistas que se aventuram em explorar e expor suas

Coluna "Ensaio"

próprias histórias ou ficcionar o real de maneira visceral e autêntica.

Foi ao confrontar e expor vulnerabilidades que o processo de criação de "Metendo a Boca" (2024), espetáculo do ator Ricardo Tabosa, co-dirigido por Elisa Porto e com dramaturgia de Rafael Martins, encontrou caminhos para sua construção dramática. Estreado recentemente em Fortaleza (CE), o espetáculo propõe uma experiência profunda ao usar as inquietações pessoais do ator em cena como matéria-prima para a criação teatral, partindo de suas questões íntimas. Ricardo explica que sempre se viu como uma pessoa reservada, mas para entender como a homofobia influenciou seu silêncio, resgatou memórias pessoais de sua infância e até de experiências recentes.

Tabosa destaca que "Metendo a boca" é um espetáculo produzido dentro de uma prática colaborativa. Este solo marca sua primeira incursão autônoma fora do repertório do Grupo Bagaceira. O ator revela que a inspiração inicial veio de uma série de videoperformances com o mesmo título, nas quais empregou lpsync para abordar questões de gênero e sexualidade. Ele comenta que o trabalho também o levou a refletir sobre sua própria voz e o silenciamento que muitas pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam: "Como homem gay, comecei a examinar momentos da minha vida onde senti minha voz suprimida e as razões por trás desse silenciamento" disse Ricardo. A trajetória de Ricardo Tabosa no teatro, especialmente com o Grupo Bagaceira, tem sido caracterizada por intensos processos colaborativos, onde a linha entre ator e autor frequentemente se dissolve. Desde a fundação do Grupo Bagaceira de Teatro em 2000, Ricardo Tabosa tem participado de inúmeros projetos que enfatizam a criação coletiva. Essa experiência moldou sua abordagem artística, o que permitiu ele atuar como uma espécie de "ator-autor". Através de improvisações,

leituras e discussões, ele contribuiu para a construção de peças de forma integrada, onde suas visões e experiências pessoais eram parte intrínseca do processo criativo.

Sobre o processo de criação de "Metendo a boca", Ricardo observa: "Colaborando com Elisa e Rafael, exploramos diversas formas de narrar essas histórias – seja através de relatos diretos, esquetes dramáticas ou programas performativos. O resultado foi uma fusão de memórias reais e ficcionais, transformando experiências pessoais em uma ficção do real que transita entre o real e o imaginado, entre o teatro e a performance"

Ao trazer sua própria história para o centro da narrativa, Ricardo encontrou um processo de autoficção desafiador, mas profundamente libertador. Transformando vulnerabilidades em poesia e cena, dando voz às suas experiências, mas também ressoando com outras histórias LGBTQIAPN+ de silenciamento e resistência. O espetáculo é uma tapeçaria rica de vivências, invenções e colaborações. Não se restringe a um único gênero, mas celebra a intersecção entre o real e o imaginário. Tendo a autoficção não apenas como uma linguagem que documenta a realidade, mas a reimagina, oferecendo novas formas de ver e compreender as complexas questões de gênero e sexualidade.

O IMPACTO DA AUTOFIÇÃO

O uso da autoficção como linguagem para criar dramaturgias com temáticas LGBTQIAPN+ tem sido um exercício de vulnerabilidade e coragem. Além disso, representa um processo de transformação da dor e resistência em arte, gerando narrativas que ultrapassam experiências individuais. Espetáculos como "3 maneiras de tocar no assunto", "Museu do que somos", "Outras fábulas mágicas" e "Metendo a Boca" ilustram a crescente presença da autoficção na linguagem teatral.

Enquanto forma e estética, a autoficção tem se mostrado um terreno fértil para experimentação nas artes cênicas, dialogando com o movimento atual de explorar dramaturgia e encenação sob uma perspectiva que transcende estruturas formais tradicionais. Como dramaturgias pessoais, ela cria um espaço vital de inovação e introspecção nas artes cênicas contemporâneas, permitindo que artistas investiguem profundamente sua subjetividade e produzam espetáculos ao mesmo tempo pessoais e universais, contestando padrões tradicionais da dramaturgia e da performance.



TEORIA

Saber do Corpo

OU O CORPO NA POÉTICA DE MARCUS VINICIUS RODRIGUES

Nívia Maria Vasconcellos

Doutora em literatura e Cultura (UFBA) e artista da palavra, atuando como poeta, letrista, declamadora e ficcionista.



O escritor e poeta Marcus Vinicius Rodrigues
Foto: Danilo Alves

É preciso saber do corpo como praça
que alimenta as aves e a multidão
e permite, na marcha, abrir as asas
do caminho que por dentro rasga
os muros que nos dizem não (2015, p. 50).

E escrever sobre literatura contemporânea é um grande desafio, mas ao mesmo tempo é instigante lidar com o que está ainda em processo, em fazimento. Este ensaio se debruça sobre a poesia de Marcus Vinicius Rodrigues não para entendê-la, mas sim para apresentar uma leitura que tem o corpo como guia, o leitmotiv que entrelaça sua obra poética. Em seus livros, cada poema, como cada corpo, apresenta-se como uma experiência única, que reage, desliza, escapa a qualquer tentativa de controle.

Apesar de ser mais conhecido enquanto ficcionista, o escritor grapiúna Marcus Vinicius Rodrigues é também poeta. O corpo, em suas múltiplas faces, é uma das diretrizes de sua poesia, criando entre seus livros poéticos uma ideia de diálogo e continuidade. Neste ensaio, destacarei três de suas possibilidades: o próprio corpo da persona do poeta, autografado; o corpo do outro, desejado e deslizante;

e o corpo-poema, metalinguisticamente dissecado. Para percorrer esse itinerário de corpos, vou transitar entre os livros *Pequeno inventário de ausências* (2001), no qual **corpo é memória inventada**; *Arquivos de um corpo em viagem* (2015), no qual **corpo é experiência e fuga**, e *Manual para composição de vitrais* (2019), no qual **o corpo é, sobretudo, um corpo-poema que se pensa**.

O seu livro de estreia na poesia, *Pequeno inventário de ausências*, foi lançado em 2001 pela editora Casa de Palavra, por meio do Prêmio da Fundação Casa de Jorge Amado. Ele é dividido em quatro partes (palavras da manhã, personagens, pequeno inventário de ausências e palavras da tarde) e é composto por 49 poemas. Grande parte dos poemas não chegam ao meio da página. Suas composições apresentam poucas estrofes, as estrofes apresentam poucos versos, e os versos apresentam poucas palavras com raras exceções, como o poema *Retrato do artista quando barros*. Muitas vezes, inclusive, além de aderir às estrofes e aos versos curtos, seu poema é monostrófico. Tais características formais dão às produções poéticas contidas em *Pequeno inventário de ausências* um poder de concentração não apenas com relação à extensão, mas também quanto à densidade. Pegando versos emprestados do poema *Tentativa de Zherazade*, podemos dizer que poemas são como os grãos

TEORIA

de areia “cada um em si é o mundo” e, assim como cada duna no deserto, cada livro de poemas é um universo. Observemos, então, o mundo apresentado pelo poema Yul Brynner do livro em questão:

A noite todos os gatos são do Sião
e já dançaram com o rei.
Eu nunca vi um príncipe
e mais pareço um tailandês. (2001, p. 33)

Com forma despretensiosa, o poema inteiro se resume a essa quadra heterométrica e é uma espécie de autorretrato da persona do poeta. Yul Brynner, nome que dá título ao poema, foi um ator russo-americano, de ascendência mongol. O título já situa quem lê diante de uma persona, que não bastasse ser ator e por isso ter a capacidade de ser muitos, ainda possui uma origem bem sui generis, que o tira do óbvio e que se reflete diretamente em sua fisionomia. Por causa de sua atuação no filme *O rei e eu*, de 1956, passou a ser chamado por muitos de “o eterno rei do Sião”, que era como antes se chamava a Tailândia, país onde se passa o filme e com o qual o poeta relaciona a sua aparência: “e mais pareço ser um tailandês”.

Essa autofiguração no campo da aparência aproxima o poeta do distante (o tailandês) e, consequentemente, o afasta dos seus (o brasileiro, o baiano). E isso não é pouco, pois colocar a aparência como tema é dar-lhe importância, é não vê-la apenas como o que deixa ver a superfície. Parecer ser um tailandês não faz dele um tailandês, mas o destaca em meio à multidão que aponta, salienta, lembra a todo momento, mesmo sem querer, a sua diferença, afetando o poeta a tal ponto de levá-lo a poetizar sobre essa sua aparência.

Assim o poema se apresenta como uma reflexão poético-irônica sobre a condição física do poeta, como o seu corpo se apresenta e ao que as pessoas relacionam o seu corpo. Mas, mais que isso, a ação do poeta de pensar seu corpo é também um meio de pensar o seu estar no mundo, pois o nosso corpo interfere em nossa forma de atuar no mundo e de nos relacionar com o outro. O que parecemos ser não determina o que somos, mas se intromete naquilo que pensamos ser para nós e no que parecemos ser para o outro. A associação entre aparência e essência segue a esteira da relação entre corpo e alma, pois o que é o aparente, senão o corpo? E o pensar-se está presente, mas não de forma separada do corpo.

O corpo é, invariavelmente, um assunto explorado por vários campos do saber, mas, quase sempre, ao ser lembrado, é submetido a uma chave hierárquica que o coloca numa posição de inferioridade e imperfeição. Isso porque certa filosofia socrático-platônica continua a reverberar hegemonicamente, até hoje, mesmo que através de outros nomes, na defesa de um corpo que é matéria perecível, que é cópia e como tal é separado da alma e inferior a ela, essa sim ideal, perfeita e ilimitada. Em síntese, a tão conhecida frase: o corpo é o cárcere da

ou como diria o nosso poeta simbolista Cruz e Souza: “Toda alma num cárcere anda presa”.

Condena-se, invariavelmente, o corpo à negatividade, colocam-no como algo nocivo a nós mesmos e não como parte do que somos. Quando ratificado por religiões, esse pensamento situa o corpo ainda como algo sujo, um lugar de pecado e de dor. Enquanto a alma lidaria com a possibilidade da salvação e da imortalidade, o corpo seria instrumento de condenação e de suplício, ainda mais se esse corpo for um corpo dissidente, ou seja, um corpo que se apresenta como diferença contra uma suposta normalidade das coisas. O poeta não foge ao corpo, coloca-o em jogo. Vejamos o poema *Eucaristia*:

Dissolve-se na
minha boca
o gosto.

Percorro contrito
o corpo.
Lambo, arranho, mordo,
ombros,
peitos,
dorso.

E escorre-se você
em fluidos de gozo.

Corpo do meu corpo,
sangue do meu sangue.

Límpido,
lívido,
vívido,
líquido,
santo. (2001, p. 79)

O poema realiza uma apropriação do sacramento central da Igreja Católica, o qual simboliza o milagre da transubstanciação, em que o padre, através de suas palavras, supostamente, transforma pão e vinho no corpo e sangue de Cristo. A Eucaristia é a renovação do sacrifício de Cristo no calvário, ou seja, é fazer memória do suplício de seu corpo, confirmando, a cada repetição do rito sacramental, a ideia do corpo enquanto lugar de punição e mero veículo para a salvação da alma.

No poema, a memória do corpo supliciado no sacramento é substituída pela memória de corpos em um ato erótico. Numa espécie de heresia acompanhada de uma tensão entre a religiosidade e a subversão. Os dois primeiros versos da segunda estrofe, “Percorro contrito/o corpo”, apontam para o difícil de aceitar o corpo como fonte de prazer. O eu lírico, apesar de não parar sua ação erótica, a realiza “contrito”. Contrição significa arrependimento, que também é um elemento religioso. O arrependimento é um ato de fé em Cristo, um meio para se libertar do pecado e receber o perdão. Geralmente, o arrependimento vem acompanhado da opressão ou punição do corpo para o desenvolvimento do espírito. Se há arrependimento, é porque há uma alguma sensação

TEORIA

de pecado, que pode ser visto como o que não é certo ou não é normal ou não é natural aos olhos da sociedade.

O poema, mesmo assim, segue em sua paixão sem Cristo. Não há nele o corpo-pão dividido embebido no vinho, e sim o corpo do outro que também é o igual, numa profanação das palavras sagradas "Corpo do meu corpo/sangue do meu sangue". O desejo tem mais potência do que arrependimento. Em vez das lanças, coroas de espinhos e chicotadas, o corpo, "ombros,/peitos,/dorso.", sofre as ações de ser lambido, arranhado e mordido, que fazem desrecalar o corpo. Mais do que um recebedor de sofrimentos, o corpo é um dispositivo de prazer, é de outra transubstanciação que se fala: "E escorre-se você/Em fluidos de gozo.". Na última estrofe, os quatro versos trissílabos, de rimas consoantes, geram uma musicalidade rápida, interrompida pelo último verso, um dissílabo que, quebrando a consonância, surge como uma sentença, arrematando o poema. O corpo do amante é "Límpido,/lívido,/vívido, líquido,/santo.".

Se nesse primeiro livro de poesias de Marcus o corpo já se fazia presença, em Arquivos de um corpo em viagem, o corpo já está no título e se pulveriza ao longo de toda a obra. Lançado pela editora Mondrongo em 2015, esse livro faz parte da Série Horizontes. Sem divisões internas, apresenta 78 poemas, nos quais o corpo se faz inteiro e metonimicamente presente por meio de um léxico anatômico que inclui: braço, cabeça, pele, gozo, mão, lábios, língua, coração, olhos, pés, calcanhares, pernas, coxas, carnes, ombro, útero. Nele, o poeta segue o trabalho com a síntese que já apresentava desde 2001 em Pequeno inventário de ausências. Vejamos o poema O gosto:

Tem um gosto
gostar de meninos
que não se experimenta
na ponta da língua.

É mais lá dentro.

Não é sabor,
É alimento. (2015, p. 20)

A brevidade de suas estrofes são proporcionais a densidade e a precisão de seus versos, o que aponta o domínio técnico do poeta. A palavra "gosto", que é repleta de nuances, no poema, parece se apresentar com o sentido satisfação, enquanto que "gostar" estaria na chave da propensão. "Propensão" é uma tendência natural dos corpos para algum ponto. No caso do poema, uma inclinação do eu lírico para "meninos", delineando uma temática homoafetiva.

É nesse ponto que esse breve poema se torna importante por permitir uma leitura que rasure estereótipos que reduzem o amor entre iguais à sexualização de seus corpos. Explico: o gosto não está aí como paladar, pois ultrapassa os sentidos do corpo: "que não se experimenta/na ponta da língua". Ele



O escritor e poeta Marcus Vinicius Rodrigues
Foto: Danilo Alves

parece dizer que a relação estabelecida entre iguais não se circunscreve apenas às sensações corpóreas. O verso nega "Não é sabor", ou seja, não se limita a ser prazer instantâneo para o corpo, e afirma "é alimento", isto é, é o que conserva a vida. Antes de ser uma ação, "gostar de meninos" é uma experiência de afetos que move, que tira do lugar. Dessa forma, o poema O gosto acaba por nos dizer que a homoafetividade não se sente apenas com o corpo: "É mais lá dentro".

Por mais que, para desfazer uma concepção reducionista, fosse necessário esse contraponto entre "o de fora e o de dentro", isso não significa, claro, que não haja corpo, desejo, atração ocorrendo de forma concomitante nas relações sejam elas homoafetivas ou não. Essa é a questão. Um contraponto é possível, mas não é possível uma divisão. Há, acredito, certo paralelismo psicofísico, como diria Spinoza. Ou seja, há uma conexão entre as afecções do corpo e as ideias da mente e vice-versa, os dois atributos se apresentam de modo relacional e indissociável. Afinal de contas, mente e corpo são partes de uma mesma substância, assim como o poema que é simultaneamente forma e fundo. Observemos o poema Apenas bons amigos:

Somos apenas bons amigos.
Ensaíamos essa frase há dias

para esconder dos outros a felicidade,
pois é clandestina a nossa alegria.

Vivemos nosso segredo pelos cantos,
os beijos rápidos, furtivos e sinceros,

TEORIA

até o dia de enfim sermos pegos
com as bocas sujas de sexo. (2015, p. 47)

Não sei quem finge que não vê minhas marcas
Nesse corpo que leva minha paixão rasgada. (2015, p. 43)
[...]

O poema é formado por quatro dísticos heterométricos, umas das formas preferenciais do poeta, e, com versos um pouco mais espalhados do que os anteriores, apresenta dois corpos homoeróticos clandestinos que fingem ser dóceis à sociedade que os oprime. Os personagens do poema, disfarçadamente disciplinados, ensaiam a sua defesa: "Somos apenas bons amigos", frase de negação muito comum entre o público homoafetivo, que é dita, geralmente, por coerção, como uma espécie de autodefesa ou até mesmo como fruto de uma auto-homofobia estruturalmente introjetada no indivíduo, inclusive entre aqueles que socialmente se apresentam como parte de um casamento heteronormativo.

No poema, há uma coerção tão forte que os leva a esconder a felicidade. E só é possível esconder a felicidade reprimindo o corpo, suas expressões, seu semblante, seus gestos. Ou seja, esconder a felicidade é controlar o corpo, fazendo-o perder a espontaneidade, tão necessária para que ele seja naturalmente a expressão de seu estado de espírito. Em outras palavras, conter a felicidade é fraturar a conexão entre corpo e alma por meio da ação medida, desnaturalizada. É dissimular a potência subversiva do corpo.

Quando o que é dito em público tem que ser ensaiado e o que é sincero tem que ser mantido em segredo, submetemos o corpo a uma ginástica absurda, que nos leva a ser aceitos por mentir e que tem na descoberta da verdade a possibilidade da rejeição: "até o dia de enfim sermos pegos/com as bocas sujas de sexo.". A expressão "ser pego" passa uma ideia de surpresa que é geralmente associada a algo negativo, ser pego cometendo um crime, uma infração, algum ilícito.

Esse último dístico estabelece uma relação de contraponto com o primeiro, pois, se nos versos iniciais as bocas eram dóceis a ensaiar frases socialmente aceitáveis; nos versos finais, as bocas são sujas (de sexo), voltadas para o obscuro, o que insistem em colocar fora da cena. Ainda cabe destacar sutilezas na construção sintática. Destacando o início do penúltimo verso, por exemplo, "até o dia de enfim", podemos inferir que a expressão "até o dia" comunica que as ações encobertas continuarão no tempo e no espaço, tendo uma repetição e durabilidade, enquanto que a expressão "de enfim" passa a ideia de que há um desejo, mesmo que inconsciente, pela descoberta, o que traria certo alívio para os corpos reiteradamente contidos.

Se pensarmos o poema com relação a outros e não de forma avulsa, há ainda mais camadas a serem exploradas, pois esse ser amado homoerótico percorre vários poemas do livro, sendo ele o "amor alheio", o corpo em viagem com sua eterna urgência de partir. No poema *Véspera*, por exemplo, o ser amado furtivo deixa o poeta-pirata em estado de espera e escrita para retornar sempre a um porto-seguro:

[...]
Não sei quem alisa o linho que amasso,
Quem lava e passa e engoma e guarda.

No último livro, *Manual para composição de vitrais*, ganhador do Selo João Ubaldo Ribeiro (Ano II), o corpo do amado e a homoeroticidade ainda se fazem presentes, mas o corpo que é mais explorado é o corpo do poema. Nos livros anteriores, o metapoema já se apresentava, como em *Fazimento*, de Pequeno inventário das ausências, ou com em *Ao leitor*, de Arquivos de um corpo em viagem, todavia é nesse terceiro livro que a reflexão sobre o ato da criação se torna de fato o leitmotiv já sinalizado, inclusive, pelo próprio título.

Os seus 44 poemas apresentam-se de formas mais variadas, recorrendo até mesmo ao soneto, como no sarcástico *Vaso contemporâneo*. No geral, os dísticos mantêm uma presença constante, e o livro continua privilegiando a concisão mesmo em composições mais alongadas com maior número de estrofes (como os poemas *Maus dias*, p. 16 e *Narciso*, p. 21). Há mais composições também que, ainda que o livro tenha um formato mais alongado que os demais, rompem a página (como os poemas *Ímã*, p. 29-30, e *Bazar da coisa azul*, p. 32-33). O próprio poema que dá nome ao livro, *Manual para composição de vitrais*, é um exemplo de um conjunto de dísticos com corpo mais espalhado e número de estrofes superior ao usual. Esse poema é uma espécie de Poética, de Manuel Bandeira, ou *A procura da poesia*, de Drummond, ou seja, diria que é o tratado de poesia de Marcus Vinicius Rodrigues. Vejamos alguns trechos:

[...]
Tudo isso é preciso:

A espera que chegue o dia exato,
A esperança na sorte dos acasos.

Se você tiver vivido bem até ali,
Surgirá no céu o arco multicolor.

Não se comova, não chore, não ria.
A arte se faz com veias frias.

Empunha a pedra e arremessa.
Qualquer piedade será fracasso.

Se a mão for firme, o gesto largo,
Choverão na planície mil estilhaços.

Desça – ainda não há pressa –,
a arte é feita de maturação.

Cava agora a terra até o centro
e retira de lá a lava de chumbo.

As mãos em brasa, a vista cega,
começa a sua composição.

Qualquer desenho será lindo
se feito de íris e carne.

A arte é não sobreviver,
Mas (des)fazer-se em parte.

TEORIA

Nele, novamente o de fora e o de dentro se apresentam, forma e fundo, linguagem e conteúdo partes de uma mesma substância. A poesia é experiência com o corpo: "veias", "mãos", "olhos" "íris", "carne" numa relação com o que está no interior: "Cava agora até o centro da Terra". Ele parece dizer que não podemos perder de vista que se escreve com o corpo, ou que a própria poesia é um corpo, e o ponto de partida para a escrita poética é a experiência, a experiência incorporada. Todavia, esse corpo não se apresenta enquanto inteireza, e sim como fragmentos, estilhaços. Afinal de contas, a experiência vira memória e "O que é a memória/senão a invenção inteira/do que já são pedaços".

Cada poema é um mosaico preenchido por "cacos" da vida submetidos a jogos formais e estilísticos, que só permitem ver o poeta através. Poetizar é mais sobre esconder do que sobre mostrar. Como diz o poema *Através do vitral*, "Você realmente não me enxerga" (2019, p. 59), numa posição contrária a simplificação do fazer poético ao autobiografismo, como se ratificasse o afamado verso drummondiano: "o que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.". Esse "ainda" coloca o poeta num estado de espera e é relido no poema de Marcus por meio das metáforas da "veia fria" e da "maturação", que remetem ao processo e recusam a imediatez.

A leitura dos três livros de poesias de Marcus Vinicius Rodrigues nos indica que "É preciso saber do corpo": o corpo do poeta, o corpo do amado e o corpo da poesia, feitos de esperas, contenções e transgressões. Para o amor, sobretudo para os desviantes, assim como para a poesia, exige-se cuidado, pois ambos se encontram "na zona de perigo".

Há os que anseiam
e os que interpretam
os sensuais signos.
Há os que estão na zona de perigo.

Há os que esperam
e os que passeiam
seus latentes cios.
Há os que estão na zona de perigo. (2001, p. 32)

CRÍTICA

João Bosco canta uma carta de amor à terra em seu álbum “Boca cheia de frutas”

Paulo Zan

É graduado em Filosofia e mestrando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Já publicou os livros de contos “Linha tênue” (2022) e “Trapaças” (2023), e tem participação nas antologias de contos “Pacote de Textos” (2021) e “Acaso Literário V.1” (2021). É apresentador do Orgulhoso Cast e colunista da Revista O Odisseu.



Os 50 anos de carreira do cantor e compositor João Bosco são marcados por um álbum que reflete sobre um Brasil ulterior. “Boca cheia de frutas” chega num momento difícil para os brasileiros, pois o país encontra-se preocupado com as consequências de tanto descaso dos governantes para pautas acerca das questões ambientais.

O artista não deixa de imprimir as marcas musicais que vem dos gêneros que canta, como o samba e o bolero. No entanto, mesmo em músicas de ritmo mais romântico, como os lamentos de “Vir-a Ser” e “Buraco”, nos faz, com o conjunto da obra, refletir sobre para onde estamos indo e se esquecemos das nossas origens.

Particularmente, fico muito impactado pela releitura que o artista fez da canção “O cio

da terra” e com a faixa que de alguma forma a complementa: “O canto da terra por um fio”, parceria com o filósofo (e seu filho) Francisco Bosco.

A releitura que o artista faz da canção de Chico Buarque e Milton Nascimento, aqui aparece como uma “prece”, um último suspiro para a terra, para o plantio e a colheita. Na segunda parte da canção, como fez em toda sua carreira, João evoca os cantos indígenas para a terra e os animais.

João canta uma carta de amor à terra, canta os orixás e o samba, mas também um lamento sobre o que tem se tornado o Brasil: um buraco “sem mundo, sem terra, sem povo, sem língua, sem nome, sem nada de si”.

Também rende homenagens aos sambas mais clássicos da sua carreira como “Incompatibilidade de gênios” e “Odilê Odilá” na canção “Dinossauros da Candelária”. “Boca cheia de frutas” canta a música do Brasil que foi esquecido (ou apagado).

Os meninos remam para perto dos ancestrais... Junto com os sonhos e o rio por um fio. João nos diz, de alguma forma, que temos um passado pela frente, pois pro homem do desterro “o futuro é velho”. Ou seja, o momento, mais do que tudo, pede para olharmos para a terra como os nossos ancestrais de um país com outro nome que não esse buraco em que nos metemos olhavam.



O cantor e compositor João Bosco
Foto: Divulgação

Dentro desse mar de incertezas e reflexões, um acalanto lindo é ouvir “E aí?” e sentir a emoção de lembrar a parceria de tantos anos e de tantos sucessos de João e Aldir. Uma linda canção de amor.

O álbum tem 11 faixas, que vão desde o samba até o bolero, a música instrumental sem letra (sobretudo) — digo isso assim porque João tem músicas instrumentais com letra. As músicas tratam de sonhos, o que pode significar tanto um trauma do passado quanto um porvir, ou melhor, um “Vir-a-Ser”, homenageiam pessoas que fizeram parte da sua trajetória e celebram de alguma forma a vida dedicada à música.

É um álbum para o Brasil e para os brasileiros (os de agora e os de outrora). Nos evoca a colheita do fruto. Então,

façamo-la. Escutemos a “Boca cheia de frutas” de João.

EXPEDIENTE:**Direção de Conteúdo:** Aline Félix**Equipe Editorial:** Caio Paiva Ribeiro, Ewerton Ulysses Cardoso e Pedro Henrique Rodrigues.**Autor Corporativo:** Ewerton Ulysses Cardoso**Arte de Capa:** Maicon Aquino**Diagramação:** Ewerton Ulysses Cardoso